



PUC RIO

JOSÉ FERNANDO CAVALCANTI

O CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO NA CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA
DE MELANIE KLEIN

TESE DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, setembro de 1978

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 C376c TESE UC

Título O conceito de identificação na contribuição teoria de Mela



Ex.2 PUCB

0114236

BC - PUC

DOAÇÃO

✓

JOSÉ FERNANDO CAVALCANTI

O CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO NA CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA
DE MELANIE KLEIN

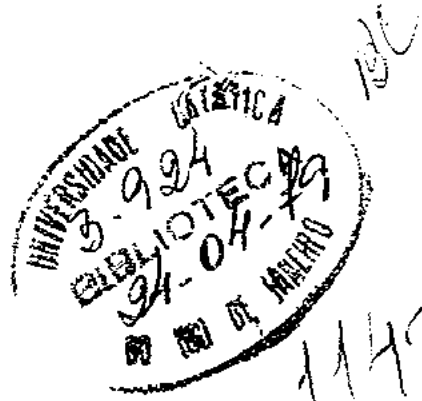
Tese apresentada ao Departamento
de Psicologia da PUC/RJ como par
te dos requisitos para obtenção
do título de Mestre em Psicologia
Clínica.

Orientador: Prof. Pedro Américo
Corrêa Netto

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Setembro de 1978

1877



114234

150

03960

IFSEVC

BT-3300-A

ex 2

À memória do Prof. Décio Soares de Souza,
Professor de Psiquiatria e Psicanalista
Didata, pioneiro no Brasil do ensino e da
aplicação clínica das contribuições teóri-
cas e técnicas de Melanie Klein.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Pedro Américo Corrêa Netto, pela dedicada supervisão e orientação da tese;

Ao Departamento de Psicologia da Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que me permitiu realizá-la;

A todos os professores e funcionários do Departamento de Psicologia, os quais direta ou indiretamente contribuíram para a sua realização;

Ao Serviço de Saúde da Aeronáutica, que me incentivou e deu a possibilidade de desenvolvê-la;

À minha esposa, filhos e familiares que compreensivamente me apoiaram durante todo o curso e a execução deste trabalho;

Aos meus pacientes, que me motivaram e inspiraram no exercício da psicoterapia;

Ao funcionário Jacques Farias Lima, pela prestimosa colaboração no trabalho gráfico.

RESUMO

O fenômeno da identificação, em virtude de sua importância teórica e técnica em Psicologia, Psicanálise e Psicopatologia, tem sido objeto, em nosso meio, de interessantes teses e trabalhos, tanto sob uma perspectiva psico-social como psicanalítica, especialmente freudiana.

O objetivo do presente trabalho é continuar os estudos anteriores, fazendo o estudo sistemático, em ordem cronológica, do conceito de identificação no conjunto das obras de Melanie Klein, pioneira da análise infantil e fundadora da chamada Escola Inglesa de Psicanálise.

A identificação é um conceito fundamental em seus trabalhos, baseados também na análise de crianças pequenas e na observação de lactentes. O seu estudo poderá ajudar a tornar mais clara e consistente a visão de sua contribuição teórica psicanalítica e psicopatológica, bem como a dissipar certas dúvidas e reservas acerca do pensamento kleiniano, ainda hoje encontradas entre os que trabalham na área da psicoterapia.

Ficou evidenciado que o conceito é usado sempre da mesma forma, mas enriquecendo-se progressivamente com novos parâmetros e ficando estabelecidas suas relações com outros conceitos fundamentais, tais como relações objetais, ego e superego iniciais, fantasia inconsciente, ansiedade persecutória e depressiva, cisão, projeção e introjeção, bem como com as hipóteses kleinianas das posições esquizoparanoide e depressiva.

ABSTRACT

The phenomenon of identification due to its theoretical and technical significance in Psychology, Psychoanalysis and Psychopathology, has been here the subject of interesting thesis and works either under the psycho-social or psycho-analytical point of view, mainly the Freudian point of view.

The aim of the present work is to continue the previous studies by making a systematical and chronological study of the concept of identification in the works by Melanie Klein, a pioneer in child analysis and founder of the so called English School of Psychoanalysis.

Identification is a fundamental concept in her works also based in the analysis of small children and observation of young infant.

Its study can clarify the prospect of its psychoanalytical and psychopathological theoretical contribution as well as it can wipe out some doubts and restrictions that have been presented by some who work in the field of psychotherapy about Kleinian thought.

It has been found that the concept has always been used in the same way though it has been improved step by step with new parameters also settling its relations with other basic concepts such as object relations, early ego and superego, unconscious phantasy, depressive and persecutory anxiety, splitting, projection and introjection as well as the Kleinian hypothesis of schizoparanoïd and depressive positions.

SUMÁRIO

1 - O CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO.	1
1.1 - Evolução do conceito de identificação.	1
1.2 - O Conceito de identificação na teoria freudiana.	4
2 - A VIDA E A OBRA DE MELANIE KLEIN	8
2.1 - Resumo biográfico de M. Klein.	8
2.2 - Resumo da obra de M. Klein	12
2.3 - Os pacientes de M. Klein	15
3 - O CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO NA CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA DE MELANIE KLEIN.	19
3.1 - Trabalhos anteriores a 1934.	19
3.1.1 - Contribuições à Psicanálise (Trabalhos de 1921 a 1933).	19
3.1.2 - Psicanálise da criança - 1932 (Parte I Técnica).	38
3.1.3 - Psicanálise da criança - 1932 (Parte II Teoria)	62
3.2 - Trabalhos de 1934 a 1963	82
3.2.1 - Contribuições à Psicanálise (Trabalhos de 1934 a 1945).	82
3.2.2 - Amor, culpa e reparação - (1937)	84
3.2.3 - Trabalhos posteriores (1946 a 1963).	85

4 - CONCLUSÕES.	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	97
LEITURAS ADICIONAIS	104

1 - O CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 - Evolução do Conceito de Identificação

A palavra idêntico vem do latim idem e já encerra desde a sua origem duas significações diferentes: 1) idem - precisamente este, o mesmo, o próprio; 2) idem o mesmo que (outro), do mesmo modo que (outro, outra coisa), também, ao mesmo tempo (que outro, que outra coisa). É o que consigna Ernesto Faria no "Dicionário Escolar Latino-Português" (1962). (1, pág. 462).

André Lalande no "Vocabulário Técnico y Crítico de la Filosofía" (1953) afirma que idêntico é um dos conceitos fundamentais do pensamento, impossível, por conseguinte, de definir. O termo se aplica a: 1) ao que é único (ainda que percebido, concebido ou denominado de várias maneiras diferentes) ou a um indivíduo (o mesmo, ou idêntico a si mesmo, em diferentes momentos de sua existência, apesar das mudanças ocorridas, às vezes consideráveis); 2) a dois ou mais objetos de pensamento, concretos ou abstratos (distintos quantitativamente, mas que apresentam, totalmente ou em parte, exatamente as mesmas propriedades ou qualidades). (2, págs. 597a599).

Vemos que persiste a dualidade de significação. A identidade que corresponde ao significado 1 se chama identidade numérica (inclui a identidade pessoal e a jurídica), tendo como sinônimos mesmidade e ipseidade; o antônimo é alteridade (caráter do que é outro, não o mesmo). A identidade correspondente ao significado 2 é chamada qualitativa ou específica; tal identidade difere da igualdade (caráter das coisas que podem ser substituídas uma por outra sem prejuízo da

magnitude; a igualdade é, pois, quantitativa). A identidade qualitativa tem como antônimos diversidade, diferença e distinção. (2, págs. 599 a 602).

O termo derivado identificação, conseqüentemente, comporta também dois sentidos: 1) reconhecimento de um indivíduo ou uma coisa como o próprio, determinação da identidade, reconhecimento de um objeto como pertencente a uma determinada classe; 2) tornar idêntico a, ato pelo qual um ser chega a ser idêntico a outro ou pelo qual dois seres se fazem idênticos (em pensamento ou de fato; totalmente ou segundo algum aspecto); tornar-se idêntico a, processo psicológico pelo qual um indivíduo transporta sentimentos próprios a outro indivíduo, de modo contínuo e mais ou menos duradouro. (2, págs. 603 e 604).

Freud foi quem primeiro usou, em 1896 (carta nº 53, a Fliess), o termo identificação em Psicologia, referindo-se a um mecanismo inconsciente de uma paciente agorafóbica (inveja da prostituta e identificação com ela). Voltou a empregá-lo no manuscrito L (1897) e no manuscrito N (1897). (10, pág. 217; 11, págs. 233 e 234, 214, 245 e 246).

Freud continuou usando o conceito de identificação, no sentido reflexivo do verbo (identificar-se com alguém ou algo), nos seus trabalhos mais importantes, assim como nos últimos, por exemplo "Moisés e o Monoteísmo" (1939). (19, pág. 122).

O termo projeção também foi introduzido por Freud, no manuscrito H (1895). (9, págs. 143, 144 e 146).

Ferenczi foi quem primeiro empregou a expressão introjeção, no trabalho "Introjeção e Transferência (1909). (5, pág. 43).

Em "O Luto e a Melancolia" (1917), Freud mostrou a conexão intrínseca entre identificação e introjeção, mas só em "Psicologia das Massas" (1921) é que introduziu a expressão identificação por introjeção. (11, pág. 1138).

Melanie Klein em "Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizoides" (1946) introduziu e sistematizou o conceito de identificação projetiva. (48, pág. 322).

Segundo Laplanche e Pontalis, em seu "Vocabulário da Psicanálise", identificação é o "Processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações". Acrescentam que é no sentido reflexivo (identificar-se) que o termo é usado em Psicanálise e que não deve ser confundido com imitação nem com interiorização.

Na imitação não há um elemento inconsciente comum e a interiorização se refere a uma relação inter subjetiva e não a uma pessoa ou sua característica. (3, págs. 297 e 298).

Belmonte Lara et al. afirmam que o protótipo biológico que fundamenta o mecanismo psicológico da identificação é a assimilação, que biologicamente significa digerir e psicologicamente se expressa pela fantasia de fundir as características. O protótipo biológico da introjeção é a incorporação o da projeção e a ejeção. (7, págs. pág. 19 e 20).

1.2 - O Conceito de Identificação na Teoria Freudiana

Freud desenvolveu inicialmente o conceito de identificação histérica, estudando os mecanismos dos sonhos e da histeria. Descreve-a como um processo inconsciente sobre a base de um desejo comum reprimido, em geral de natureza sexual. (12, pág. 331.)

Em "O Luto e a Melancolia" descreveu o processo da identificação com maior profundidade, postulando a existência de uma identificação precoce, anterior à eleição ou carga de objeto, e outra consecutiva à perda do objeto. A catêxis do objeto fica abandonada, mas ocorre uma identificação com o objeto perdido. É uma identificação de tipo narcisista, tal como acontece na melancolia, ligada à incorporação oral. (14, pág. 1070).

Afirma, em "Psicologia das Massas e Análise do Ego", que a identificação é a mais precoce manifestação do enlace afetivo com outra pessoa e desempenha um importante papel na pre-história do complexo do Édipo. Cita também que pode haver identificações com indivíduos com os quais não existe uma relação libidinal, como as que ocorrem nas massas. (15, pág. 1137) A identificação começa, assim, a sair do âmbito psicopatológico (histeria, melancolia) e passa a ser constitutiva do indivíduo normal. Freud assinala, em "O Ego e o Id", que não se dera conta, no estudo da melancolia, de toda a importância do processo da identificação, havendo depois compreendido que a substituição de uma carga de objeto pela identificação participava da estruturação do ego e contribuía para a formação do caráter. (16, pág. 1198).

Já em "O Final do Complexo de Édipo" Freud afirma que a autoridade do pai, ou dos pais, introjetada no ego constitui nele o nódulo do superego, que toma do pai seu rigor, perpetua a proibição do incesto e garante o ego contra o retorno das cargas de objeto libidinosas. (17, pág. 410).

Em "Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise", diz Freud que a identificação é a equiparação de um ego com outro ego alheio, em consequência da qual o primeiro se comporta, em certos aspectos, como o outro, o imita e o acolhe em si. Explica que o superego se afasta dos pais primitivos e se torna mais impessoal, de modo que as identificações posteriores se referem só ao ego, já não mais influenciando o superego. (18, pág. 816).

Freud usou o adjetivo primário em conceitos como representação, narcisismo e identificação, referindo-se aos momentos em que nasce o psiquismo. Haveria uma possível ligação entre tais conceitos. Faz remontar, miticamente, à horda primitiva as origens últimas das identificações primárias e elabora hipóteses acerca de sua transmissão filogenética em "Totem e Tabu" e "Moisés e o Monoteísmo". O ato canibalístico seria um intento de assegurar a identificação com o pai, incorporando uma porção dele. (13, pág. 503). (19, pág. pág. 83).

A identificação primária tem, pois uma raiz oral e constitui a modalidade mais primitiva de relação objetal. Pela regressão, todos os tipos de relação objetal podem transformar-se em uma identificação ("Comunicação de um Caso de Paranoia contrário à Teoria Psicanalítica" e "Sobre a Psicogênese de um Caso de Homossexualidade Feminina") (8, pág. 27).

O complexo de fantasias intrínseco ao processo identificatório gira em torno da idéia de que incorporando o objeto se consegue a unidade com ele, adquire-se suas características. No canibalismo também ocorre essa idéia de consubstanciar-se com o objeto. (8, pág. 28).

Em suma, a identificação primária implica na incorporação de um objeto não catexizado com libido objetal e ainda não diferenciado do sujeito, o que facilita fusões do sujeito com seus objetos primários, que nessa fase são sentidos como onipotentes. Essa fusão temporária, total ou parcial, se expressa no sentimento da criança de que é parte de seu objeto amado e vice-versa. São identificações massiças e totais com o objeto e não com um traço dele. Não são patológicas, nessa fase do desenvolvimento, e servem de base aos processos ulteriores de identificação, mais evoluídos e maduros, nos quais o sujeito aspira não a ser um com o objeto, mas chegar a ser no futuro semelhante a ele (em um traço). Outra característica importante de todas as identificações, em geral, é a ambivalência, cuja origem se relaciona com as raízes orais do processo, as quais determinam a ambivalência. (8, págs. 28 e 29).

As identificações secundárias podem ser edípicas, postedípicas, sem relação libidinal e narcisistas melancólicas. Nelas operam a libido objetal e os mecanismos introjetivos, a identificação é com traços ou caracteres, com possibilidades de escolha e participação do simbólico, sendo o campo progressivamente diferenciado em dois sexos. (8, pág. 19).

A identificação do amor pode ser considerada como um tipo de identificação edípica que ocorre simultaneamente com a carga

de objeto e com o mesmo objeto (não com o rival), produzindo-se a modificação no sujeito antes da renúncia ao objeto. Nesse tipo a perda do objeto não é condição necessária para que ocorra a identificação.

Freud não dedicou um capítulo especial à identificação, mas ela está ligada intimamente aos aspectos mais importantes de sua teoria, tais como os conceitos de complexo de Édipo, superego, identidade sexual, narcisismo, sublimação e defusão instintiva. A personalidade se estrutura à base de sucessivas identificações, que vão formando o caráter do superego. Por outro lado, a identificação tem também uma importante patologia, sendo que as identificações melancólicas e as histéricas foram as mais estudadas por Freud.

2 - A VIDA E A OBRA DE MELANIE KLEIN

2.1 - Resumo Biográfico de Melanie Klein*

Melanie Klein nasceu em 30 de março de 1882, em Viena. Seu pai era israelita e destinado a ser rabino, mas aos 37 anos resolveu estudar, conseguindo afinal formar-se em Medicina, no que foi ajudado valiosamente pela esposa, que inclusive abriu uma loja. Melanie Klein admirava em seu pai o espírito independente e a atitude científica e em sua mãe a beleza, o intelecto e o grande desejo de saber, mas era mais ligada à mãe. Era a caçula de 4 filhos, tendo um irmão e duas irmãs, havendo nascido quando seu pai já tinha mais de cinquenta anos.

Aos 5 anos, perdeu a irmã mais nova, Sidonie, com 9 anos, após longa doença, a qual a ensinou a ler, escrever e contar. Seu irmão Emmanuel, cinco anos mais velho, era cardíaco desde a infância, mas contrariando as previsões conseguiu sobreviver até 25 anos, tornando-se pianista e escritor. Sob a influência dele, ela desenvolveu acentuado gosto pela Literatura e a Música. Aos 14 anos ela decidiu estudar Medicina e, tendo aulas com Emmanuel, conseguiu aprovação no Ginásio de Viena, então a única escola que preparava moças para a Universidade. Mas logo depois do seu ingresso na Universidade de Viena, aos 17 anos, Melanie Klein ficou noiva e aos 21 casou, tendo que mudar seus planos e cursar Arte e História.

O marido de Melanie Klein, Arthur Klein, era químico industrial e em função de seu trabalho a família viajou bastante. Tiveram três filhos: Mellita, Hans e Eric. Alguns anos antes da guerra de 1914/18, estabeleceram-se em Budapeste, onde Melanie Klein pela primeira vez teve contacto com um livro de Freud, voltando a manifestar-se sua pronunciada vocação tera-

* Vide (20 a 24.)

pêutica. Durante a época da guerra ela continuou lendo as obras de Freud e entrou em contacto com Sandor Ferenczi, que, em 1909, havia formulado o conceito de introjeção e, em 1913, fundara a Sociedade Psicanalítica da Hungria. Com Ferenczi ela fez breve análise pessoal e treinamento. Percebendo suas aptidões, ele a encorajou a tratar crianças, o que até 1914 era feito, com exclusividade, por raros analistas (Pfister, Hug-Helmut), inclusive crianças pequenas. Em setembro de 1918 participou como convidada do Congresso Internacional de Psicanálise, em Budapeste.

Em julho de 1919, Melanie Klein leu seu primeiro trabalho ("O Desenvolvimento de uma Criança") na Sociedade Psicanalítica da Hungria, da qual ela se tornou membro no final do mesmo ano. O referido trabalho foi publicado em 1921 no International Journal of Psycho-Analysis.

De 1919 a dezembro de 1920 a família Klein residiu na pequena cidade de Ruzomberok, nos Montes Tatra, na Tchecoslováquia. Durante o Congresso Internacional de Psicanálise de 1920, em Haia, Melanie Klein foi convidada por Karl Abraham, Presidente da Sociedade Psicanalítica da Alemanha, que ele havia fundado em 1908, para ir para Berlim. Ela foi, com as crianças, para Berlim em janeiro de 1921, mas seu marido foi para a Suécia, o que foi o primeiro passo para o divórcio em seguida. Daí em diante, ela se dedicou inteiramente à prática e à pesquisa analíticas, desenvolvendo sua técnica de análise infantil e tendo escrito vários trabalhos, publicados em alemão e em inglês. A Clínica da Sociedade de Berlim foi fundada em 1920.

Do início de 1924 a meados de 1925, fez análise pessoal com Abraham, que durou aproximadamente um ano e meio, sendo interrompida pela grave doença de que veio ele a falecer no Natal de 1925. Essa análise deixou nela uma forte impressão e ela

sempre demonstrou admiração e gratidão por seu analista e mestre. Em 1926 Melanie Klein publicou um trabalho ("Princípios Psicológicos da Análise Infantil"), no qual descreve a análise de uma criança, Rita de 2 anos e 9 meses.

Ernest Jones, fundador (em 1913) e presidente da Sociedade Psicanalítica Britânica, bem como um dos líderes do movimento psicanalítico internacional, tomou conhecimento, nos congressos e através das publicações, dos trabalhos e da técnica de análise infantil de Melanie Klein, que ela vinha desenvolvendo brilhantemente. Prevendo a importância futura da análise infantil e percebendo muitos pontos comuns entre as inovações de Melanie Klein e as suas próprias formulações, Jones convidou Melanie Klein, em 1925, para fazer um ciclo de conferências na Sociedade Psicanalítica Britânica e, em 1926, após a morte de Abraham, a convidou para radicar-se em Londres, para onde ela foi no mesmo ano e onde trabalhou criativamente até o fim de sua vida.

Apesar de suas originais e inovadoras contribuições teóricas e técnicas haverem resultado, principalmente, da análise e da observação de crianças, Melanie Klein também analisou adolescentes e adultos, tendo também se dedicado intensamente à análise didática e à supervisão de analistas.

Com o caloroso apoio de Ernest Jones, o interesse de veteranos analistas tais como Sylvia Payne, Edward Glover e James Strachey, que a ajudaram com valiosas sugestões, a colaboração estreita de Susan Isaacs, Joan Riviere, Roger Money-Kyrle e Paula Heiman, que debateram suas idéias e foram coautores de algumas de suas obras, e a adesão de numerosos discípulos tais como W. R. Bion, Herbert Rosenfeld, Hanna Segal, Elliot Jaques,

Hans Thorner, Betty Joseph, Donald Meltzer e outros, o talento e a liderança de Melanie Klein se projetaram cada vez mais. Seu grupo deu características ao movimento psicanalítico de Londres, ficando reconhecido como a Escola Inglesa de Psicanálise.

Não deixou de haver, entretanto, forte oposição e crítica à Melanie Klein e seus conceitos, dentro da Sociedade Psicanalítica Britânica, especialmente depois da chegada a Londres, em 1939, de Anna Freud e outros analistas procedentes da Áustria, que representavam a chamada Escola de Viena. Houve calorosas controvérsias, chegando quase à cisão, pois o grupo liderado por Anna Freud (que se dedicou à análise infantil com outra orientação) pretendeu demonstrar que as idéias de Melanie Klein seriam incompatíveis com as de Sigmund Freud.

Mas enquanto seu trabalho analítico florescia cada vez mais, sua vida particular continuava a ser marcada por perdas. Na primavera de 1934, seu filho mais velho, Hans, aos 27 anos morreu num acidente de alpinismo. Sua filha, Melitta Schmeiderberg, formou-se em Medicina e se tornou analista, havendo durante certo tempo colaborado com Melanie Klein, inclusive no preparo do livro "Psicanálise da Criança", tendo publicado alguns interessantes trabalhos. Mas no final da década de 30 tornou-se sua opositora e posteriormente se radicou nos Estados Unidos. Em compensação, Melanie Klein foi feliz no relacionamento com seu filho mais novo, Eric, que casou em Londres e teve três filhos, a quem ela se dedicou muito.

Em 1958, faleceu, aos 79 anos Ernest Jones, seu protetor e amigo, que vivia em Londres.

Em 1960, Melanie Klein escreveu seus últimos trabalhos,

"Algumas Reflexões sobre a Oréstia", estudo da trilogia de Ésquilo, que iria apresentar no Congresso de Edimburgo, e, "Sobre o Sentimento de Solidão", que deixou em esboço.

Melanie Klein faleceu em 22 de setembro de 1960, em Londres, aos 78 anos, após curta doença.

2.2 - Resumo da Obra de Melanie Klein

A obra de Melanie Klein está, hoje em dia, firmemente estabelecida, sendo considerada como continuadora da de Freud, embora original e inovadora, com implicações na teoria do desenvolvimento da personalidade e na psicopatológica, na prática clínica e na psicanálise aplicada. Suas contribuições deram, por outro lado, origem a novos desenvolvimentos, tais como as importantes concepções de Bion, Rosenfeld, Fairbairn e Winnicott.

Melanie Klein é, além disso, considerada unanimemente como a pioneira da análise infantil, tendo criado e desenvolvido a técnica analítica do jogo. Talvez por esse motivo ela é mais conhecida e mais aceita, de um modo geral, nos setores ligados à Psicopatologia e à Psicanálise Infantis.

Melanie Klein escreveu aproximadamente cinquenta trabalhos (inclusive oito livros), muitos dos quais teóricos, dos 37 (1919) aos 78 anos (1960), os quais foram publicados entre 1920 e 1963. Seus livros já foram traduzidos em diversas línguas, inclusive em português, havendo uma edição argentina de suas obras completas.

A contribuição kleiniana pode ser dividida em duas fases, a primeira indo até 1932, destacando-se principalmente os tra

balhos "Primeiras Fases do Complexo de Édipo" (1928) e "Primeiros Estádios do Conflito Edípico e da Formação do Superego" (1932), e a segunda a partir de seu trabalho clássico de 1934 "Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados Maníaco-Depressivos", destacando-se "Sobre a Teoria da Ansiedade e a Culpa" (1948), "Nota sobre Alguns Mecanismos Esquizoides" (1946), "Algumas Conclusões Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê" (1952), "Sobre a Identificação" (1955) e "Inveja e Gratidão" (1957).

Seu primeiro livro, "Psicanálise da Criança", contendo dois ciclos (1925 e 1927) de conferências realizadas na Sociedade Psicanalítica Britânica, foi publicado em 1932, em Londres e Viena.

"Contribuições à Psicanálise", publicado em 1948, em Londres, contém seus principais trabalhos desde 1921 até 1945, entre os quais "Primeiras Fases do Complexo de Édipo" (1928), em que mostra a precocidade do Superego e do complexo edípico e introduz o conceito de posição, e "Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados Maníaco-Depressivos" (1934), no qual estuda as relações objetais e mecanismos psíquicos iniciais e postula a existência de dois tipos fundamentais de ansiedade (persecutória e depressiva) e as hipóteses de posições (paranoide e depressiva), bem como a defesa maníaca.

Em "Amor, Ódio e Reparação" (1937) são estudadas a culpa e a reparação, na segunda parte do livro, de autoria de M. Klein.

"Os Progressos da Psicanálise", publicado pelo grupo kleiniano em 1952, ano em que M. Klein completou 70 anos, contém três destacados trabalhos de M. Klein: "Notas sobre alguns Mecanismos Esquizoides", em que estudou as defesas e ansiedades

primitivas e formulou o conceito de identificação projetiva - (1946); "Sobre a Teoria de Ansiedade e Culpa" (1948), no qual estudou o instinto de morte; "Algumas Conclusões Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê" (1952), em que faz uma sistematização completa das posições esquizoparanoide e depressiva e da defesa maniaca, bem como do desenvolvimento infantil até a fase de latência.

"New Directions in Psycho-Analysis", publicado em 1955, reúne novos importantes trabalhos do grupo kleiniano, inclusive dois de M. Klein, "A Técnica Analítica através do Brinquedo: sua História e Significado" (1955) e "Sobre a Identificação" - (1955), estudo dos processos complementares de identificação (projetiva e introjetiva), principalmente a identificação projetiva.

"Inveja e Gratidão" (1957) é um estudo sistemático dos sentimentos de inveja e gratidão, que são fundamentais e operam muito precocemente.

"Narrativa da Análise de uma Criança", publicado em Londres, em 1961, contém o relato de 93 sessões de análise de um menino de 10 anos (Richard), tratado por M. Klein em 1941, na Inglaterra.

Finalmente, "O Sentimento de Solidão", publicado em 1963, contém quatro trabalhos de M. Klein: "Sobre a Identificação" - (1955), já citado anteriormente; "Nosso Mundo Adulto e Suas Raízes na Infância" (1959), em que são estudadas a identificação e a formação do caráter; "Algumas Reflexões sobre A Oréstia", (1960), estudo analítico da trilogia de Ésquilo; "Sobre o Sentimento de Solidão"; o último trabalho de Melanie Klein, escrito em 1960, em que esse sentimento é estudado tanto nas posições kleinianas como nas psicoses.

2.3 - Os pacientes de M. Klein

- RITA - 2 anos e 9 meses, neurose obsessiva, 83 sessões, controle 7 anos após o término da análise.
- TRUDE - 3 anos e três meses, neurose, 82 horas de análise.
- PETER - 3 anos e nove meses, neurose grave, 278 sessões, controle até 6 anos após o término do tratamento.
- DICK - 4 anos, esquizofrenia, 6 meses de análise.
- GERALD - 4 anos, normal
- RUTH - 4 anos e três meses, neurose grave, 190 sessões e controle até 2 anos depois do final da análise.
- KURT - 5 anos, neurose, traços psicóticos, 450 sessões.
- FRANZ - 5 anos, neurose grave, atraso escolar

- FRITZ - 5 anos, neurose (inibições e fobias)

- JOHN - 5 ANOS, neurose grave

- WALTER - 5 anos e meio,

- ERNA - 6 anos, neurose obsessiva grave, traços psi
cóticos, 575 sessões, controle até 2 anos
após o término.

- ERNEST - 6 anos .

- GÜNTHER - 6 anos, distúrbio do caráter, traços psicô-
ticos.

- GEORGE - 6 anos, traços psicóticos

- GRETE - 7 anos, esquizoide

- INGE - 7 anos, neurose e atraso escolar, 375 sessões
controle até 7 anos após a análise.

- JOHN - 7 anos

- GRETE - 9 anos, fofações homossexuais

- WERNER - 9 anos - neurose obsessiva, 210 sessões, controle 5 anos após o término.

- EGON - 9 anos e meio, traços psicóticos, 425 sessões, controle até 3 anos e meio após o término

- KENNETH - 9 anos e meio, distúrbio do caráter, 225 sessões

- RICHARD - 10 anos, neurose, 93 sessões

- ILSE - 12 anos, esquizoide e atraso no desenvolvimento. 425 sessões, controle até 2 anos e meio após o término da análise.

- M. - 12 anos, menino delinqüente com inteligência abaixo do normal, dois meses de tratamento

- FÉLIX - 13 anos, caráter neurótico, inibições e tiques, 370 sessões.

- BILL - 14 anos, dificuldades neuróticas. 54 sessões, controle até 6 anos depois.
- GERT - 14 anos, dificuldades neuróticas, 1 ano de análise. Controle até 3 anos após o término.
- WILLY - 14 anos, normal (190 sessões, controle até 3 anos após o final.
- LISA - 17 anos
- SENHORA A. - Estado depressivo, (luto).
- SENHOR B. - 30 e poucos anos, homossexualidade, 380 sessões
- SENHOR C - Traços psicóticos.
- SENHOR D - 40 anos, traços paranóicos e depressivos.
- SENHORA H - sublimação da cena primária.

3 - O CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO NA CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA DE
MELANIE KLEIN

3.1 - Trabalhos anteriores a 1934

3.1.1 - Contribuições à psicanálise (Trabalhos de
1921 a 1933)

Melanie Klein se refere pela primeira vez à identificação em seu primeiro trabalho, "O Desenvolvimento de uma Criança", publicado em 1921, em que trata da influência do esclarecimento sexual e do abrandamento da autoridade no desenvolvimento intelectual das crianças, bem como da análise infantil. Comen^{tu}tando as afirmações contraditórias de um menino de 5 anos, Fritz, sobre, ora os pais ora ele próprio, saberem tudo ou não sabem alguma coisa (fantasias infantis de onisciência), salienta que essa atitude ambivalente da criança seria explicada pelo fato de colocar-se no lugar do pai visto como poderoso, que ele espera um dia ocupar, e identificar-se com ele, mas, por outro lado, desejar abolir o poder paterno que restringe o seu ego. (25, pág. 28) Durante a análise o complexo edípico de Fritz mostrou-se muito evidente, sobretudo em jogos e em sonhos. (25, pág. 48).

Posteriormente, num jogo de guerra, em que Fritz mostra seus desejos agressivos inconscientes, um capitão inimigo é maltratado, morto e, a seguir, ressucita. Perguntam-lhe quem é ele, ao que responde: "Eu sou Papai, naturalmente". Então todos se tornam muito amistosos com ele e dizem (aqui a voz de Fritz fica muito suave): "Sim, você é o Papai, venha então conosco". (25, pág. 52) Nesse jogo novamente Fritz se identifica com o pai, colocando-se no seu lugar, antes como inimigo

atacado e depois como amigo restaurado.

Mais adiante, tendo usado a expressão "frio na barriga" e estando em conversa com M. Klein sobre estômago e barriga, contou a seguinte fantasia: "Há uma sala no estômago, nela se encontram mesas e cadeiras. Alguém senta-se numa cadeira, deita a cabeça sobre a mesa e então toda a casa vem abaixo, o forro sobre o soalho, a mesa desmorona também, a casa desmorona". Interrogado sobre quem era a pessoa e como havia entrado ali, responde Fritz: "Uma pequena vara entrou na barriga através do pipi e no estômago pelo mesmo caminho". Diz-lhe a analista, então, que ele tinha imaginado estar no lugar da mãe e desejado que seu pai pudesse fazer com ele o que fazia com ela, mas tinha medo, já que imaginava sua mãe com medo também, que aquela vara (o "pipi" de seu pai) entrando no seu "pipi", ele ficaria machucado e então dentro de sua barriga, em seu estômago, tudo seria destruído também. (25, pág. 55) Vê-se, nessa fantasia, uma identificação de Fritz com a mãe, em seguida a uma projeção, de seus impulsos agressivos no pai e de seu medo na mãe, e a uma introjeção, da mãe imaginada danificada e com medo. Ocorre, nessa situação, o complexo edípico invertido.

Em "A Análise Infantil" (1923), volta M. Klein a mencionar identificação, no sentido reflexivo do verbo identificar-se (não no sentido transitivo, significando assemelhar, igualar, equacionar ou equiparar, às vezes encontrado também em sua obra), ao se referir ao menino Fritz, agora com aproximadamente 7 anos, que fez um novo período de análise com maior profundidade (26, pág. 101 e 105). O menino era portador de inibições e fobias (26, pág. 107).

O prazer de Fritz de explorar estradas e ruas, que forma-

vam a base do seu senso de orientação, desenvolvia-se com a liberação da curiosidade sexual, que havia sido reprimida devido ao medo da castração. Fritz contou uma vez que, quando estava urinando, tinha que aplicar os freios, o que conseguia fazer apertando o pênis, porque de outra forma a casa toda desabaria. A respeito disso, havia muitas fantasias que mostravam que ele estava sob a influência da imagem mental do interior do corpo de sua mãe e, por identificação com ela, da imagem do seu próprio corpo, que ele representava como uma cidade, amiúde como um país e mais tarde como o mundo, cruzado por ferrovias. (26, pág. 107).

M. Klein refere sua descoberta de que as fixações artísticas e intelectuais, assim como as neuróticas, tem como um dos fatores determinantes mais poderosos a cena primária ou fantasias da mesma. Além dos fatores constitucionais, um ponto importante é se a curiosidade se aplica mais ao que é visto ou ao que é ouvido. Em Fritz a fixação era no movimento do pênis, em Félix nos sons que ouvia e em outros pacientes nos efeitos cromáticos. Naturalmente estes fatores especiais devem entrar em jogo no talento ou na tendência ao talento. Na fixação da cena primária ou suas fantasias, o grau de atividade, tão importante para a própria sublimação, indubitavelmente também determina se o indivíduo desenvolverá um talento para a criação ou para a reprodução, porque o grau de atividade influencia seguramente o modo de identificação, isto é, se se empenhará na admiração, no estudo e na imitação das obras-primas dos outros ou em superá-las pelo próprio desempenho. No caso de Félix, um menino de 13 anos, o primeiro interesse pela música que se manifestou na análise foi sob a forma de crítica aos compositores e regentes. À medida que sua atividade era gradualmente li

berada, ele começou a tentar imitar o que ouvia. Num estágio posterior de atividade ainda maior, apareceram fantasias em que o jovem compositor se comparava com os mais velhos. Só num estágio muito posterior de atividade liberada é que poderia ter a coragem de tornar-se um compositor, como seu pai. (26, pág. 114).

O estudo da análise de Félix prossegue em "Uma Contribuição à Psicogênese dos Tiques" (1925).

Félix, de treze anos, era portador de caráter neurótico, inibições e tiques. Seu tique parecia ser meramente um sintoma secundário, no entanto o papel que desempenhou no desenvolvimento de sua personalidade e de sua neurose foi tão fundamental que, quando a análise conseguiu curar o tique, o tratamento estava bem perto do fim. A análise de Félix totalizou 370 horas, com a frequência de três sessões por semana, durante três anos e três meses, em face de interrupções. (27, pág.117).

Quando era muito pequeno, gostava muito de cantar, mas aos três anos deixou de fazê-lo. Só durante a análise é que seu talento musical e seu interesse pela música reviveram. Aos três anos sofreu uma operação de alargamento do prepúcio e ficou impressionado com a ligação que fez entre a cirurgia e a masturbação. Seu pai tinha repetidamente feito advertências e até ameaças ao menino, renovadas em anos posteriores, contra a masturbação, de modo que a ansiedade de castração e a luta contra a masturbação dominaram o desenvolvimento do menino. De grande importância foi a circunstância de haver dormido no quarto dos pais até 6 anos e a observação do coito dos pais ter deixado nele uma duradoura impressão. Quando Félix estava com sete anos nasceu um irmão, o que aumentou de várias maneiras suas di

ficuldades. (27, pág. 117/118). Seu tique foi precipitado por ter presenciado clandestinamente um contacto sexual entre os pais, havendo aparecido pela primeira vez alguns meses antes da análise. (27, pág. 120).

No terceiro ano de vida, Félix já tinha revelado pelo canto uma identificação com o pai. Depois do trauma por ocasião da cirurgia, ocorrido numa idade em que a sexualidade infantil atinge seu clímax, havendo perturbado seu desenvolvimento sexual e criado as bases de sua atitude associal, o interesse de Félix pelo canto foi reprimido. O seu retorno durante a análise foi precedido por recordações encobridoras da primeira infância. (27, págs. 118 e 120).

Por trás do conteúdo homossexual de suas fantasias masturbatórias (a ansiedade de castração produzida pelo trauma provocou uma regressão narcisista), foi possível discernir a identificação original de Félix com o pai, em numerosos detalhes, como, por exemplo, no seu interesse pelo piano de cauda e pelas partituras musicais. (27, pág. 122).

Félix desenvolveu uma paixão romântica por um colega da escola, que além de ser admirado por um grande número de companheiros, era o favorito de um dos professores, toda a classe admitindo que havia um romance entre o mestre e o aluno. A relação desse menino com o professor representava para Félix a satisfação do seu próprio desejo de ser amado por seu pai como um filho, bem como de tomar o lugar da mãe na relação com o pai. O amor de Félix por ele, que representava uma idealização do próprio Félix, era baseado principalmente na identificação e correspondia a uma relação objetal narcisista. (27, pág. 123).

Félix projetou seus desejos no colega que invejava, por

ser o favorito do professor, ficando o menino identificado com Félix, como figura idealizada.

Uma vez, estando Félix no meio de muita gente que ia entrar num concerto, um homem, no aperto, quebrou uma vidraça e foi chamado um guarda. Nesse momento Félix apresentou seu tique. A análise revelou que o incidente representava que ele uma cena de espreita da primeira infância, estreitamente ligada à origem do tique. Ele se identificou com o homem que quebrou a janela, porque, como este, também tinha querido, naquela situação primitiva, forçar a entrada num "concerto" (representação para ele da relação sexual dos pais). O policial representava seu pai descobrindo-o. (27, pág. 124).

Com o progresso da análise de Félix, desapareceram o tique e suas formações substitutivas (piscar e esfregar os olhos), ligados à repressão da masturbação e à cena primária, e surgiram desejos heterossexuais, sob a forma de admiração por uma atriz. M. Klein saliente que a equação de teatro, cinema, concerto e toda espécie de espetáculo com a cena primária é característica de toda análise infantil. Nos espetáculos, Félix se imaginava como observador e ouvinte e, ao mesmo tempo, por meio da identificação com os pais, como artista nos diferentes papéis. (27, pág. 126).

A análise das fantasias de masturbação demonstrou, no caso de Félix, ser o fator decisivo na cura do tique. O abandono forçado da masturbação produziria descargas motoras por outras vias, tais como, caretas, piscar e esfregar os olhos, excessiva motilidade nas mais diversas formas, jogos motores e, finalmente, o tique. As fantasias de masturbação reprimidas foram, em parte, ligadas a essas descargas motoras e, em par-

te, contidas nas tentativas de sublimação. Assim é que, na base do seu amor aos esportes e jogos, encontravam-se as mesmas fantasias de masturbação associadas ao tique, isto é, a identificação, oriunda da cena primária, com ambos os pais em coito, quando, em sua mente, participava, tanto como espectador, quanto como objeto amado. (27, pág. 128).

Finalizando, afirma M. Klein que o tique tem importantes componentes sádico-anais (27, pág. 135), sendo um sintoma narcisista secundário, por regressão (27, pág. 136). A masturbação seria uma espécie de atividade sexual semi-narcísica, de transição para a normal. (27, pág. 135). Quando a sublimação é bem sucedida, todo talento e todo interesse se baseia, parcialmente, em fantasias masturbatórias (27, pág. 136). As fantasias masturbatórias subjacentes ao tique são certamente inespecíficas e têm a mesma importância para aproximadamente todos os sintomas neuróticos, bem como para a vida da fantasia e as sublimações. (27, pág. 137).

Em "Simpósio sobre a Análise Infantil", trabalho publicado em 1927, M. Klein retoma o conceito de identificação ao estudar a formação do superego.

Ressalta que a formação do superego se realiza na base de várias identificações e que seus achados da análise de crianças muito pequenas mostram que esse processo começa em seguida à frustração do desmame, simultaneamente com o início do complexo edípico, no fim do primeiro ou no começo do segundo ano de vida, e termina com a passagem do complexo de Édipo, isto é, no princípio do período de latência. O desenvolvimento do superego se faz a partir de vários elementos, em diferentes estratos, atravessando muitos estágios até o início da latência, quando de

fato termina, tornando-se resistente, inalterável, e em essên-
cia, não diferente do superego do adulto. (28, pág. 169).

Referindo-se a um menino de quatro anos que ela dissera
sofrer a pressão de um superego castrador e canibalístico, em
contraste com os pais amáveis e bondosos, afirma M. Klein que
ele não tem apenas esse superego, havendo descoberto nele iden-
tificações que correspondem mais estreitamente aos pais reais,
embora de modo algum idênticas a eles. Essas figuras, que se
revelavam boas, prestimosas e prontas a perdoar, o menino cha-
mava de "Papai e Mamãe de contos de fadas". Uma completa sé-
rie das mais variadas identificações, umas opostas a outras, o-
riginaadas em períodos e estratos largamente diferentes e fun-
damentalmente diferentes dos objetos reais, tinham resultado,
nesta criança, em seu todo, num superego que dava realmente a
impressão de ser normal e bem desenvolvido. (28, pág. 172).

"O desenvolvimento do superego da criança, não me-
nos que o do adulto, depende de vários fatores e
se, por qualquer razão, não se efetua completamente
e as identificações não são inteiramente bem sucedi-
das, então a ansiedade, na qual se originou toda a
formação do superego, passará a preponderar em seu
funcionamento." (28, pág. 172).

Em "Primeiras Fases do Complexo de Édipo", um de seus tra-
balhos pioneiros mais importantes, publicado em 1928, Melanie
Klein apresenta o resumo de uma série de conclusões obtidas da
análise de crianças, em especial as de três a seis anos.

Mostra, inicialmente, a seqüência de três influências de-
terminantes dos processos mentais: a frustração do desmame,
que libera as tendências edípicas, as frustrações anais duran-
te o treinamento esfinteriano, que as reforçam, e a diferença

anatômica entre os sexos.

"O menino, ao sentir-se impelido a abandonar as posições oral e anal pela posição genital, passa para o fim de penetração, associado à posse do pênis. Assim ele troca não somente sua posição de libido, mas também o fim da mesma, que o capacita a reter o seu objeto de amor original. Na menina, por outro lado, o fim receptivo é deslocado da posição oral para a genital: ela muda sua posição de libido, mas retém seu fim, que já a levou a desapontar-se em relação à mãe. Desse modo, origina-se na menina a receptividade para o pênis e ela se volta então para o pai como objeto de amor".
(29, pág. 202)

Os desejos edípicos, desde o início, se associam ao medo incipiente de castração e ao sentimento de culpa. A análise, tanto de adultos como de crianças, tem familiarizado com o fato de que os impulsos instintivos pregenitais são acompanhados por um sentimento de culpa. Os achados da autora mostram que o sentimento de culpa associado às fixações pregenitais já é o efeito direto do conflito edípico. É, na realidade, o resultado da introjeção dos objetos de amor adípicos, ou seja, o sentimento de culpa é produto da formação do superego. A análise de crianças pequenas revela que a estrutura do superego é formada de identificações que datam de diferentes períodos e estratos da vida mental e são surpreendentemente contraditórias em sua natureza, pois coexistem a excessiva bondade e o excessivo rigor. Encontramos nessas identificações, também, uma explicação da severidade do superego, que aparece especialmente na análise dessas crianças pequenas. Numa criança de mais ou menos um ano, a ansiedade causada pelo início do complexo edípico toma a forma de um temor de ser devorada e destruída, o que não seria compre

ensível, por exemplo, numa criança de quatro anos, que não iria estabelecer em sua mente imagens tão irreais dos pais. Mas a criança pequena tem impulsos destrutivos de morder, devorar e cortar seu objeto, o que provoca ansiedade, já que o despertar das tendências edípicas é seguido pela introjeção do objeto, de quem a criança espera um castigo correspondente. Esse superego primitivo se torna, assim, algo que morde, devora e corta. (29, págs 202 e 203).

A conexão do instinto epistemofílico com o desejo sádico de apropriar-se dos conteúdos do corpo da mãe e o sentimento de culpa, provocado pelo complexo edípico incipiente, precede, em ambos os sexos, uma fase de desenvolvimento de importância vital, até agora não suficientemente reconhecida, que consiste em uma identificação muito precoce com a mãe; é a fase feminina. (29, págs. 204 e 205).

O complexo feminino dos homens parece mais obscuro do que o de castração das mulheres, que é de igual importância. Quanto maior a preponderância das fixações pregenitais sádicas, tanto mais a identificação do menino com a mãe corresponde a uma atitude de rivalidade, ódio e inveja em relação às figuras feminina e materna. A tendência dos rapazes de expressar excessiva agressividade tem suas raízes no complexo feminino. Se, ao contrário, a identificação do menino com a mãe está baseada numa posição genital, sua relação com as mulheres terá caráter positivo e, por outro lado, o desejo de ter um filho e o componente feminino, que têm um papel tão essencial no trabalho dos homens, encontrará oportunidades mais favoráveis para a sublimação. Em ambos os sexos, umas das principais raízes das inibições no trabalho são a ansiedade e o sentimento de culpa associados à fase

feminina (29, págs. 206 e 207).

A identificação da menina com a mãe resulta diretamente dos impulsos edípicos e, como nos meninos, coincide com as tendências sádico-anais de roubar e destruir a mãe. Quando predominam as fixações sádicas pregenitais, desenvolvem-se na menina ciúmes e ódio e se forma um superego cruel. Quando predomina a posição genital, mais se caracterizará a identificação pela devotada bondade de um generoso ideal de mãe. (29, págs. 209 a 212).

"Quanto mais completamente o superego alcance seu zênite na etapa genital, menos predominarão as identificações sádicas em sua estrutura e mais provável será a obtenção da saúde mental e o desenvolvimento de uma personalidade de alto nível ético." (29, pág. 213).

No final, afirma Melanie Klein: "Resumindo minhas conclusões: antes de mais nada desejo assinalar que, na minha opinião, elas não contradizem as afirmações do Professor Freud. Penso que o ponto essencial das considerações adicionais que tenho feito é que coloco esses processos em épocas mais recuadas e que as diferentes fases (especialmente nos estádios iniciais) fundem-se mais livremente uma com a outra do que até agora se supunha." (29, pág. 214).

Em "A Personificação nos Jogos das Crianças" (1929) são estudadas a invenção e a distribuição de personagens ou personificações características nos jogos infantis, bem como a relação das mesmas com a realização de desejos, através da análise de quatro crianças: Erna (6 anos, psicose), George (6 anos, traços psicóticos), Rita (2 anos e 9 meses, neurose obsessiva) e Gerald (4 anos, normal, análise profilática).

Erna, em seu jogo, fazia M. Klein representar a filha, en quanto ela representava a mãe, ou a professora. A personagem fi lha ficava constantemente cercada de perseguidores, sendo vigi ada e seus pensamentos sendo adivinhados, o pai ou a professora aliados à mãe contra ela e tendo que suportar fantásticas tor- turas e humilhações; tinha também que espiar e atormentar os outros continuamente. Quando Erna representava o papel de cri- ança ("a menina boa"), terminava o jogo escapando às persegui- ções, tornando-se rica e poderosa, sendo feita rainha e vingan- do-se cruelmente dos perseguidores. Nesses jogos, a realização de desejos se baseava no esforço de Erna para se identificar com a parte mais forte, para dominar seu medo à perseguição. Quando Erna representava o papel da mãe cruel, a menina malva- da era o inimigo. Quando era a menina perseguida, que se trans formava rapidamente em poderosa, o inimigo era representado pe- los pais malvados. Era, então, feito uso extenso dos mecanis- mos de projeção e deslocamento. (30, págs. 215 e 216).

George, durante meses, apresentou uma série de fantasias em que, como líder poderoso de um bando de caçadores selvagens e animais ferozes, lutava, conquistava e matava cruelmente seus inimigos, que também tinham animais ferozes para defendê-los. Os animais eram então devorados. Mas a luta nunca terminava, por que novos inimigos sempre surgiam. George tinha sempre se sen tido, conscientemente, cercado e ameaçado por mágicos, feiticei ras e soldados, mas procurava defender-se com o auxílio de fi guras fantásticas. Nas fantasias, em seus jogos, de ser podero so, o ego tentava afastar a ansiedade identificando-se com o partido mais forte. (30, pág. 217).

M. Klein chegou à conclusão de que a atuação dessas ima-

gos, com características fantasticamente boas e fantasticamente más, é um mecanismo geral, tanto nos adultos como nas crianças. Tais figuras representam estágios intermediários entre o superego terrivelmente ameaçador, totalmente divorciado da realidade, e as identificações que se aproximam da realidade (figuras parentais protetoras). No começo de sua formação o superego é de caráter tirânico, devido à predominância dos estádios pregenitais. A evolução do superego para a genitalidade depende de as fixações orais predominantes terem tomado a forma de sugar ou morder. "A primazia da fase genital, em relação tanto com a sexualidade como com o superego, requer uma fixação suficientemente forte ao estágio oral de sucção". Quanto maior o desenvolvimento em direção à genitalidade, mais as identificações fantásticas de satisfação de desejos, cuja origem é a imagem da mãe que proporciona gratificação oral, aproximam-se das figuras dos pais reais. Já durante o processo de sua construção, o ego emprega sua tendência ou capacidade de síntese procurando formar um todo com essas identificações várias. O superego, em sua totalidade, é composto de várias identificações, adotadas nos diferentes níveis evolutivos. Quanto mais extremas e contrastantes forem essas imagens, menos a síntese será bem sucedida e mais difícil será mantê-la. Quando começa o período de latência e termina o desenvolvimento do superego e da libido, aumentam as exigências da realidade e o ego faz esforços ainda maiores para realizar a síntese do superego, a fim de obter um equilíbrio entre o superego, o id e a realidade. (30, págs. 219 a 221).

Quanto mais a análise progride, menos poderosa é a influência das figuras ameaçadoras nos jogos da criança e mais duras e fortes surgem as figuras de realização de desejos. As

crianças freqüentemente têm grande variedade de figuras parentais, desde a "mamãe esmagadora" até a "mamãe-fada", assim como a "mamãe média" e a "mamãe três quartos", que representam um compromisso entre aqueles exemplos extremos. Essa dissociação do superego em suas identificações primitivas, introjetadas nos diferentes estádios do desenvolvimento, é um mecanismo estreitamente ligado à projeção e análogo a ela. A dissociação e a projeção são um fator essencial da tendência à personificação no jogo, podendo, por meio desses mecanismos, ser desfeita por algum tempo a síntese do superego e ser deslocado para o mundo externo o conflito intrapsíquico. No mundo exterior, a prova da realidade pode dar resultados favoráveis, havendo redução apreciável da ansiedade. (30, pág. 221).

O jogo das crianças normais mostra um equilíbrio mais satisfatório entre a fantasia e a realidade. Nelas os processos de personificação e realização de desejos mostram a maior e mais duradoura influência das identificações oriundas do nível genital, que se aproximam dos objetos reais, havendo uma boa relação com a realidade. Nas psicoses e nas neuroses graves, que se caracterizam por uma relação perturbada ou deslocada com a realidade, a realização de desejos nos jogos é negativa e as personificações são extremamente cruéis (superego terrífico, introjetado no início do desenvolvimento do ego). M. Klein chegou à conclusão de que o mecanismo da personificação é a base do fenômeno da transferência, essencial na análise, infantil e de adultos, e de grande importância geral. A análise das personificações e das fantasias atribuídas ao analista, variadas e contraditórias, determina o constante progresso das imagos geradoras de ansiedade em direção às identificações mais benévolas próximas da realidade. (30, págs. 223 a 225).

A personificação manifesta que se observa em certas fases da análise infantil, é observada muito mais freqüentemente na sua forma mais disfarçada e obscura, subjacente na transferência, tanto em adultos como em crianças. Com a técnica do jogo é possível analisar as fases iniciais da formação do superego, em crianças pequenas ou maiores. Um dos principais objetivos da análise é a gradual modificação da severidade do superego. A supremacia do superego primitivo, introjetado no início do desenvolvimento do ego e do qual procede a mais intensa e esmagadora ansiedade, é um fator fundamental na gênese da psicose. O paranoico tem uma rica vida de fantasia, mas as personificações que inventa são somente perseguidores e perseguidos, em face de predominarem no seu superego as identificações cruéis e geradoras de ansiedade. Na esquizofrenia, falha a capacidade para a personificação e para a transferência, por causa, entre outros motivos, do funcionamento defeituoso do mecanismo de projeção, o que interfere com a capacidade de estabelecer ou manter a relação com a realidade e o mundo externo. (30, págs. 224 e 225).

"A Importância da Formação de Símbolos no Desenvolvimento do Ego" é trabalho de 1930, no qual M. Klein focaliza a importância do simbolismo na fantasia, na sublimação e no talento e nas relações objetais e com a realidade. Apresenta o caso de Dick, de 4 anos, portador de esquizofrenia.

Afirma, inicialmente, que, segundo Ferenczi, a criança pequena busca redescobrir em todos os objetos seus próprios órgãos e o funcionamento destes, sendo essa equação ou equiparação (identificação, no sentido transitivo) precursora do simbolismo. De acordo com Jones, o princípio do prazer torna pos-

sível a equação entre duas coisas completamente diferentes, por uma semelhança de prazer ou interesse. (31, pág. 237).

Acrescenta, então, que a ansiedade do estágio oral-sádico, juntamente com o interesse libidinoso, é que originam esse mecanismo de equação simbólica, por meio da qual outras coisas e atividades se tornam temas das fantasias (libidinosas e agressivas). O simbolismo, portanto, é não só o fundamento de todas as fantasias, sublimações e talentos, mas também da relação do indivíduo com o mundo exterior e com a realidade em geral. (31, págs. 237 e 238).

A realidade inicial da criança é inteiramente fantástica. Está rodeada de objetos que lhe causam ansiedade e, neste sentido, os órgãos, os excrementos e os seres animados e inanimados são, em princípio, equivalentes entre si. O desenvolvimento do ego e a gradual relação com a realidade dependem da capacidade do ego inicial de tolerar a pressão das situações primitivas de ansiedade. Trata-se, como em geral acontece, de uma questão de equilíbrio ótimo entre a ansiedade, necessária para a abundância de formação de símbolos e de fantasias, e a capacidade do ego de tolerar a ansiedade, essencial para a elaboração da ansiedade, para o desfecho favorável dessa fase fundamental e para o desenvolvimento com êxito do ego. (31, pág. 238).

O menino Dick apresentava uma acentuadíssima inibição do desenvolvimento do ego, exibindo atraso intelectual, vocabulário pobre, autismo, embotamento emocional, desinteresse por quase tudo, inibição da agressividade e escassa relação afetiva e simbólica com os objetos e a realidade. Dick teve a lactância excepcionalmente insatisfatória e perturbada, porque sua mãe insistiu, durante algumas semanas, na infrutífera ten-

tativa de amamentá-lo ao seio e ele quase morreu de inanição , tendo-se então recorrido à alimentação artificial. Quando tinha sete semanas, foi providenciada uma ama-de-leite para ele, mas não desenvolveu bem com as mamadas. Sofreu distúrbios digestivos, prolapso anal e, mais tarde, hemorroidas. Possivelmente seu desenvolvimento foi afetado pelo fato de que, embora recebesse todos os cuidados, não recebeu verdadeiro amor generosamente, pois a atitude da mãe para com ele foi muito ansiosa desde o início. Como, ademais, nem seu pai nem sua babá lhe demonstraram muito afeto, Dick cresceu num ambiente bastante pobre de amor. Aos dois anos teve uma nova babá, muito hábil e afetuosa, e, pouco depois, passou uma longa temporada com a avó, que foi muito carinhosa com ele. A influência dessas mudanças no seu desenvolvimento foi visível, mas as principais dificuldades persistiram e nem mesmo com elas Dick conseguia manter contacto emocional. (31, págs. 240 e 241).

Havia em Dick uma incapacidade completa do ego, aparentemente constitucional, de tolerância à ansiedade, o que também contribuiu para o desenvolvimento desfavorável no início, que resultou na grave inibição evolutiva. A atuação excessivamente precoce das tendências genitais causou uma identificação prematura e exagerada com o objeto atacado (o interior do corpo da mãe, com os seus conteúdos) e contribuiu para uma prematura defesa contra o sadismo (inibição acentuada da agressividade). O ego tinha cessado de desenvolver a vida de fantasia, a formação de símbolos e a relação com a realidade. (31, pág. 241).

M. Klein salienta, noutra passagem, que a identificação precoce com o objeto ainda não podia ser relacionada com a realidade. Uma vez, por exemplo, vendo algumas aparas de lápis na sala da analista, Dick observou: "Coitada da Sra. Klein" .

Mas, em outra ocasião semelhante, disse, no mesmo tom de voz : "Coitada da cortina". Essa empatia prematura, juntamente com a incapacidade para tolerar a ansiedade, foram decisivas na repressão de todos os seus impulsos destrutivos. (31, pág. 244).

Após descrever várias sessões do tratamento de Dick, em que conseguiu ter acesso ao seu inconsciente através dos rudimentos de fantasias e formações de símbolos que ele apresentava, explica M.Klein que a manifestação da ansiedade diminuiu a ansiedade latente e o estabelecimento de uma relação simbólica com as coisas e os objetos iniciava a elaboração da ansiedade. Ao mesmo tempo se tornavam ativos seus impulsos agressivos e epistemofílicos, interessando-se por coisas novas e coisas que havia abandonado, bem como pelos nomes das mesmas, com aumento também do vocabulário. Paralelamente à crescente transferência em relação à analista, sua atitude para com a mãe e a babá se tornou normal e afetuosa. Após seis meses de análise, o desenvolvimento que começou a processar-se, em todos os pontos fundamentais, justificou um prognóstico favorável para o caso de Dick. (31, págs. 245 e 246).

Os fatos provaram, salienta M. Klein, que mesmo num caso extremo de desenvolvimento defeituoso do ego, foi possível a análise dos conflitos inconscientes, que possibilitou o desenvolvimento tanto do ego como da libido, esclarecendo que suas conclusões teóricas se basearam também em outros casos de esquizofrenia em crianças de cinco a treze anos, bem assim em sua experiência analítica geral. Afirma, finalmente, M. Klein que uma das tarefas fundamentais da análise infantil é a descoberta e a cura das psicoses na infância. A esquizofrenia e, especialmente, a presença de traços esquizofrênicos na infân-

cia são muito mais frequentes do que em geral se supõe, embora menos evidentes do que no adulto e de diagnóstico mais difícil. (31, págs. 247 a 249).

Em "O Desenvolvimento Inicial da Consciência na Criança", trabalho de 1933, M. Klein não menciona explicitamente o termo identificação, mas volta a estudar o desenvolvimento do superego, ressaltando que uma das mais importantes contribuições da Psicanálise foi a descoberta dos processos mentais subjacentes ao desenvolvimento da consciência no indivíduo. De acordo com as descobertas de Freud, que a prática analítica tem comprovado, a consciência de uma pessoa é um precipitado ou representante de suas relações iniciais com os pais; o superego não é somente o que se entende por consciência, mas também exerce uma importante influência inconsciente, tanto no desenvolvimento da personalidade normal como na doença mental. (32, pág. 267).

É a excessiva severidade e a esmagadora crueldade do superego, não a fraqueza ou a falta dele, a responsável pelo comportamento das pessoas associais e criminosas. (32, pág. 270).

Os sentimentos sociais e morais de uma pessoa se desenvolvem a partir de um superego mais suave, governado pelo nível genital. A análise penetra nos níveis primitivos da mente da criança e, diminuindo a atuação dos componentes sádicos do superego, abrandando a severidade do mesmo, com o que abre caminho tanto para a adaptabilidade social na criança, como para o desenvolvimento de padrões morais e éticos no adulto. (32, pág. 275),

A análise consegue corrigir os distúrbios da formação do caráter, especialmente em crianças e adolescentes, nos quais

produz modificações muito consideráveis, o que é tão importante quanto o tratamento das neuroses. (32, pág. 276).

Finalmente, M. Klein afirma que as tentativas para tornar a humanidade mais pacífica falharam porque não foi compreendida a profundidade e o vigor dos instintos agressivos inatos de cada indivíduo. Indaga se a Psicanálise não estaria destinada a influir nesses esforços para melhorar a humanidade como um todo, quando a análise infantil puder um dia se tornar parte da educação de todas as pessoas, assim como hoje em dia a educação escolar. (32, pág. 276).

3.1.2 - Psicanálise da Criança - 1932 (Parte I - Técnica)

"Psicanálise da Criança", uma das obras mais importantes de Melanie Klein, foi publicada em 1932, em inglês e em alemão, constando de duas partes. M. Klein baseou suas conclusões teóricas e técnicas nas obras de Freud, Abraham e Ernest Jones e nos seus próprios trabalhos anteriores, bem como na análise de crianças, de 2 anos e 9 meses a 14 anos (normais, neuróticas, portadoras de distúrbios caracterológicos e psicóticas) e de adultos.

A primeira parte do livro (capítulos 1 a 7) é predominantemente técnica, abordando sucessivamente os fundamentos psicológicos da análise infantil, a técnica analítica do jogo, a sexualidade infantil, os sintomas infantis, o tratamento preventivo, as indicações terapêuticas e a técnica de análise de crianças pequenas, de crianças no período de latência e na puberdade. O conceito de identificação é empregado inúmeras vezes nesses diversos trabalhos, conforme veremos a seguir, com uma precisão cada vez maior.

Em "Fundamentos Psicológicos da Análise Infantil", M. Klein mostra que os mecanismos psicológicos especiais da criança pequena são muito diferentes dos que são encontrados na análise dos adultos, embora haja também paralelos. Essas diferenças e semelhanças necessitam de uma técnica especial, o que levou M. Klein a desenvolver o método da análise lúdica. Esse trabalho é uma ampliação de outro anterior, de 1926, e focaliza a análise de três crianças pequenas: Rita (2 anos e 9 meses; neurose obsessiva e terrores noturnos; total de 83 sessões de análise), Trude (3 anos e 3 meses; neurose ansiosa, terrores noturnos e incontinência urinária e fecal; 82 sessões) e Ruth (4 anos e 3 meses; neurose ansiosa grave; 190 sessões). Da análise de Rita foi feito um controle até 7 anos após o término do tratamento e de Ruth até 2 anos depois. (33, págs. 24, 57 e 58).

A pequena Rita havia dormido no quarto dos pais até a idade de dois anos, havendo presenciado a cena primária. O nascimento de um irmão, nessa época, desencadeou nela uma neurose obsessiva, com rituais compulsivos, inibição, depressão, ansiedade e terrores noturnos e crises de cólera. Sentia remorsos por qualquer pequena travessura e era muito sensível às reprimendas. Sua mãe sofria de grave neurose obsessiva e tinha tido sempre uma atitude ambivalente para com a menina. Com o tratamento de Rita, a atitude de sua mãe em relação a ela melhorou muito. Uma vez caiu no choro porque seu pai, de brincadeira, ameaçou um ursinho do seu livro. Seu medo do aborrecimento do pai foi suficiente para que se identificasse com o ursinho. Por outro lado, seus jogos mostraram claramente a in

tensidade de sua identificação com o pai, bem como o temor de fracassar no papel masculino, resultante do complexo de castração. (33, págs. 24 a 27).

Os jogos de crianças pequenas demonstram que a ansiedade e o sentimento de culpa estão menos ligados aos pais reais do que a pais introjetados excessivamente severos e cruéis, que correspondem ao superego dos adultos. Na opinião de M. Klein as primeiras identificações da criança já deveriam ser consideradas um superego. A análise de crianças pequenas também mostra que o conflito edípico já se estabelece no segundo semestre do primeiro ano de vida e que, ao mesmo tempo, a criança começa a modificá-lo e a formar o superego. Acrescenta M. Klein, citando o trabalho anterior, de 1926, do qual o presente é uma ampliação ("Os Princípios Psicológicos da Análise Infantil"), que os impulsos de ódio e agressão são a causa mais profunda e a base do sentimento de culpa. (33, págs. 26 a 28).

M. Klein afirma que o brinquedo é o meio de expressão mais importante da criança, podendo ser interpretado como os sonhos. As crianças não fornecem, em grau suficiente, as associações verbais que constituem o principal instrumento para o tratamento dos adultos, mas, enquanto brincam, também falam e dizem muitas coisas que têm o valor de genuínas associações. As crianças expressam suas fantasias, desejos e experiências de uma forma simbólica, através de jogos e brinquedos, utilizando os mesmos modos arcaicos e filogenéticos de expressão usados nos sonhos. Ao brincarem, agem ao invés de falarem. A ação, mais primitiva que o pensamento ou as palavras, constitui a parte principal de sua conduta. (33, págs. 29 e 30).

M. Klein cita Freud, em "História de uma Neurose Infantil": "A análise que se efetua na criança neurótica desde logo parecerá mais digna de confiança, mas não pode ser muito rica em conteúdo. Temos de emprestar à criança demasiados pensamentos e palavras e, ainda assim as camadas mais profundas podem se revelar impenetráveis à consciência". A interpretação tem quase sempre efeitos rápidos, mesmo quando parece não ter sido assimilada conscientemente. Tais efeitos evidenciam-se na maneira como a criança retoma um jogo que interrompera em consequência de uma inibição e começa a modificá-lo e ampliá-lo, nela deixando transparecer as camadas mais profundas de seu psiquismo. A criança pode recuperar e apresentar de maneira direta certas experiências e fixações que o adulto só pode produzir como reconstruções. (33, págs. 30 e 31).

M. Klein diz ainda que à medida que a análise prossegue as crianças vão se tornando cada vez mais capazes, até certo ponto, de substituírem o processo de repressão pelo de rejeição crítica, chegando a achar graça dos impulsos sádicos que as dominavam, cuja interpretação muito resistiam. "Já vi crianças muito pequenas rirem-se da idéia de uma vez terem querido engulir a mãe ou picá-la em pedacinhos"; relata M. Klein. (33, pág. 36).

Finalmente, M. Klein, salienta que o modo primário e arcaico de representação por meio de brinquedos e de ação é o meio fundamental de expressão da criança, pelo que jamais poderíamos empreender uma análise completa unicamente por meio da linguagem. O caráter primitivo do psiquismo infantil requer uma técnica analítica especialmente adaptada à criança e vamos encontrá-la na análise lúdica. Por meio desse método obtemos acesso às fixações e experiências mais profundamente recalçadas da cri

ança, o que nos possibilita exercer uma influência radical em seu desenvolvimento. A diferença entre tais métodos analíticos e a análise dos adultos é puramente de técnica e não de princípios. A análise da situação transferencial e das resistências, a remoção das amnésias infantis e dos efeitos da repressão, assim como a revelação da cena primária, fazem parte da análise lúdica, que está de acordo com as normas do método psicanalítico de adultos e leva aos mesmos resultados. A única diferença é que adaptamos o processo ao psiquismo da criança. (33, págs. 38 e 39).

Em "A Técnica da Análise da Criança Pequena", M. Klein faz uma exposição dos princípios fundamentais dessa técnica e focaliza a análise de Peter, um menino de 3 anos e 9 meses, portador de neurose grave, com inibição acentuada, fixação ambivalente à mãe e dificuldade de relacionamento. A sua neurose foi constatada no decorrer da análise. De início seu tratamento fora recomendado como medida preventiva, por haver vários casos de neurose grave na família. A análise de Peter durou 278 sessões e deu bons resultados, controlados até 6 anos após o término do tratamento. Houve grande mudança no seu caráter, tornou-se vivaz, desapareceram os temores mórbidos e inibição e o seu relacionamento geral se tornou bom. Permaneceu bem apesar das fortes tensões familiares que ocorreram nos anos seguintes após o tratamento. (34, págs. 40 e 41).

Na primeira sessão, o menino pegou uma carroça a cavalo e a fez colidir com outra, de modo que as patas dos cavalos se chocassem, e disse: "Tenho um novo irmãozinho chamado Fritz". Perguntado sobre o que estavam fazendo as carroças, respondeu: "Isso não fica bem". Na segunda sessão, continuou fazendo choques de duas carroças e duas locomotivas. Apontando para os ban

cos pendentes e oscilantes de dois balanços, disse: "Veja como balançam e se chocam". Após ser interpretado que os balanços, as locomotivas, as carroças e os cavalos representavam duas pessoas (seus pais) batendo seus "negocinhos" (nome que ele dava aos órgãos genitais), ele disse "Não, isso não fica bem". Continuou batendo os carros e disse: "Foi assim que eles ficaram batendo os seus negocinhos um no outro"; imediatamente após tornou a falar no irmãozinho, sendo interpretado que ele pensava que os pais ficaram batendo os negocinhos e que isso fez nascer seu irmãozinho Fritz. Mais adiante, apontando para uma carroça a cavalo disse: "Sou eu" e para a segunda "Também sou eu", ilustrando assim, sua identificação com ambos os pais em coito; as interpretações feitas nas primeiras sessões foram confirmadas pela análise posterior. Esses quadros da cena primária com que iniciou sua análise referiam-se, na verdade a experiências reais recalcadas na infância. Seus pais contaram a M. Klein que o garoto compartilhara de seu quarto de dormir durante o período de férias, aos 18 meses, durante o qual se tornou difícil, dormindo mal e havendo voltado a defecar na cama, coisa que deixara de fazer há vários meses. (34, págs. 41, 42 e 45).

Na segunda sessão de Peter, havia sido interpretado o material fornecido dizendo que ele e seu irmão se masturbavam mutuamente. Sete meses depois, contando ele 4 anos e 4 meses, relatou longo sonho, do qual faz parte o seguinte trecho: "Havia 2 porcos num chiqueiro e também em sua cama. Comeram juntos no chiqueiro. Havia também dois meninos em sua cama, a bordo de um barco, mas eram muito grandes como um tio e uma amiga quase adulta." Após associações verbais, ficou demonstrado que os porcos representavam a ele próprio e a seu irmão, mas representavam também a seus pais copulando, havendo M. Klein deduzido que

suas relações sexuais com o irmão se baseavam numa identificação com seu pai e sua mãe, na qual Peter assumia o papel de cada uma delas por turno. Na sessão seguinte, ele começou brincando com a pia e as torneiras. Enfiou dois lapis compridos numa esponja e disse: "Este é o barco em que entrei com Fritz". A seguir assumiu uma voz profunda (como sempre fazia quando seu superego entrava em ação) e gritou para os dois lápis: "Vocês não devem ficar juntos o tempo todo fazendo coisas feias". Esta repreensão por parte de seu superego a ele mesmo e a seu irmão era também dirigida a seus genitores (representados pelo tio e a amiga) e libertou nele afetos semelhantes aos que sentira ao assistir à cena primária. Ele já havia dado vazão a esses afetos em sua segunda sessão, ao desejar que os cavalos que batera um no outro estivessem mortos e enterrados (34, pag. 49).

Melanie Klein afirma que a ansiedade da criança é muito mais aguda que a do adulto, sendo conseqüentemente muito maior seu grau de apreensão. Uma das maiores, sensão a maior meta psicológica que a criança deve alcançar e que lhe toma a maior parte de suas energias psíquicas é o domínio da ansiedade. Seu inconsciente se interessa pelos objetos primariamente pela perspectiva do alívio ou da excitação que irão trazer à sua ansiedade e, segundo o alívio ou a excitação produzidas, sua transferência para esses objetos será positiva ou negativa. Nas crianças pequenas que sofrem particularmente dessa apreensão a transferência negativa manifesta-se quase que imediatamente como medo disfarçado, ao passo que nas maiores, especialmente nas que se acham no período de latência, geralmente toma a forma de desconfiança, reserva ou simplesmente de aversão. (34,

pág. 50). Assim que o pequeno paciente tiver deixado entre ver seus complexos, quer através de seus jogos, desenhos ou fantasias, quer simplesmente por seu comportamento geral, a interpretação pode e deve ter início. Nas crianças a transferência se efetua imediatamente. A interpretação reduz a transferência negativa, fazendo os afetos negativos retrocederem à situação e objetos originais. (34, págs. 46 e 47).

// Comentando as análises de Trude, Ruth e Rita e o que aprendera nos últimos anos, M. Klein fala de uma situação específica e muito precoce, que parece estar na origem tanto do pavor noturno quanto das crises angustiosas: uma ansiedade ou uma situação ansiosa que é específica da menina e que equivale à ansiedade de castração sentida pelo menino. Acrescenta que há certas concordâncias entre os dados colhidos por ela na análise de crianças pequenas e algumas observações de Freud em "Inibição, Sintoma e Angústia" (1926). Afirma ela que para a menina o equivalente ao temor de castração sentido pelo menino é o medo de perder o amor. É visto claramente pelos exemplos citados como as meninas pequenas temem ser largadas por sua mãe. Mas esse temor tem, a seu ver, sua origem nos impulsos agressivos dirigidos contra a mãe e nos desejos de roubá-la e matá-la, oriundos dos estádios primitivos do conflito edípico. Esses impulsos suscitam não somente angústia ou medo de ser atacada pela mãe, mas também o medo de que a mãe a abandone ou morra. // (34, págs. 59 e 60).

As fantasias e jogos de imaginação que a criança cria ao brincar com brinquedos são de grande significado. Do ponto de vista analítico, o valor desses jogos de ficção está em seu método direto de representação e, conseqüentemente, na maior ri

queza de associações verbais que suscitam. Algumas crianças ma
nifestam preferência por jogos de faz-de-conta, outras por uma
representação mais indireta por meio de brinquedes. Em seus
jogos de faz-de-conta (brincar de mãe e filha, de escolinha,
construir ou mobiliar uma casa, viajar, consultar o médico, tra
balhar etc) a criança representa em sua própria pessoa aquilo
que numa outra etapa, geralmente anterior, demonstrava através
de seus brinquedes. Nesses jogos, ela geralmente confia ao ana
lista um ou mais papéis e M. Klein costumava pedir à criança
que descrevesse esses papéis o mais detalhadamente possível (34,
págs. 63 e 64).

Em "Neurose Obsessiva numa Menina de Seis Anos", baseado em trabalho apresentado em 1924, usando como ilustração a história de um caso clínico, M. Klein compara a técnica da análise da criança pequena com a da análise no período de latência e trata de certas questões de importância geral e teórica, bem como dos métodos empregados na análise das neuroses obsessivas infantis. Essa técnica foi elaborada no curso do tratamento deste caso extremamente difícil e interessante cuja gravidade manifestava tanto pelos sintomas como pelo caráter distorcido e a personalidade completamente anormal (35, págs. 65 e 86).

Erna, de 6 anos, apresentava numerosos sintomas graves: insônia freqüente, por ansiedade (particularmente medo de ladrões e assaltantes), e uma série de atividades obsessivas. As práticas obsessivas, diurnas e noturnas, eram bater com a cabeça no travesseiro, balanceio, chupar o polegar e masturbar-se excessivamente (inclusive na escola e na presença de estranhos). Sofria de depressões profundas, que descrevia assim: "Há qualquer coisa de que não gosto, na vida". Excessivamente afetuosa com a mãe, mas às vezes hostil. Dominava-a completamente, impedindo-lhe a liberdade de movimento, e a importunava continuamente com seu amor e seu ódio (sua mãe dizia: "ela me suga"). Poder-se-ia descrever a menina como sendo ineducável. Tinha ruminações obsessivas, um caráter curiosamente adulto, precocidade sexual e grave inibição para aprender (inaptidão para os estudos e incapacidade de adaptar-se à escola e aos colegas). (35, págs. 65 e 66 e 84).

"Erna começou a brincar pegando um carrinho, entre os brinquedos que se achavam sobre a mesinha, e empurrando-o em minha direção. Disse que tinha vindo me buscar, mas colocou uma boneca na viatura e depois um boneco. Ambos abraçavam-se e beija-

vam-se amorosamente enquanto o carrinho corria para cima e para baixo. A seguir, um boneco que dirigia um outro carrinho colidiu com eles, esmagou-os, matou-os, assou-os e enguliu-os. De outra feita, a luta teve um final diferente e o boneco agressor foi derrubado; mas a mulher ajudou-o, consolou-o e desposou-o a pós haver se divorciado de seu marido. Em seus jogos Erna atribuia a essa terceira personagem os mais variados papéis (ladrão que sobrevivia, morrendo o casal na casa que pegava fogo; irmão que ao abraçar a mulher arrancava-lhe o nariz com uma mordida). Este homenzinho, a terceira personagem, era a própria Erna. To da uma série de jogos similares traduziam seu desejo de superar o pai junto à mãe, embora em muitos outros jogos se manifestasse seu desejo edípico direto de despojar a mãe e conquistar o pai. (35, págs. 66 e 67).

"Muitas vezes Erna brincava de mamãe. Eu era a filha e uma de minhas maiores faltas era chupar o polegar. O primeiro objeto que eu devia levar à minha boca era uma locomotiva." A esses jogos sucediam invariavelmente acessos de côlera, inveja e hostilidade contra a mãe, para serem substituídos por remorsos e por tentativas de se corrigir e de se fazer perdoar. As particularidades de um jogo de cubos (fazendo casas), referentes às suas respectivas casas, deixavam ver a antiga rivalidade de Erna com sua mãe. Numa fase ulterior da análise essa rivalidade manifestou-se de uma forma direta.. (35, págs. 67 e 68).

Além dos jogos anteriores, ela passou a recortar papel e a fazer moldes. Um dia disse que estava fazendo "picadinho" e que o papel estava sangrando (ao proferir essas palavras estremeceu e disse que não se sentia bem). "Em certa ocasião, falou de uma "salada de olhos" e de outra feita disse que estava cortando meu nariz em franjas. Repetia assim sua vontade de

arrancar meu nariz com uma dentada, o que já havia exprimido des de a primeira sessão (tinha feito várias tentativas nesse sentido)". Através desses meios ela revelava sua identificação com a "terceira personagem", o bonequinho que assaltara e incendiara a casa e que arrancava os narizes a dentadas. Nesse jogo ela dava vasão a impulsos sádicos e canibalísticos e representava ao mesmo tempo a destruição dos órgãos genitais de seus pais ou do corpo inteiro de sua mãe. (35, pág. 68).

Depois dos recortes Erna passou a brincar com água. Os jogos com água conduziram à análise em profundidade de suas fantasia oral-sádicas, uretral-sádicas e anal-sádicas. Ela brincava de lavadeira usava pedaços de papel para representar as fraldas sujas de um bebê. M. Klein era o bebê e devia sujar as fraldas continuamente. Como lavadeira, Erna teve muitas oportunidades de punir a humilhar o bebê, fazendo o papel de mãe cruel. Mas como também se identificava com o bebê, dava vasão ao mesmo tempo aos seus desejos masoquistas. Muitas vezes fazia de conta que a mãe instigava o pai a punir o bebê, dando-lhe uma surra no traseiro. Em sua função de lavadeira, recomendava esse castigo como meio de curar o bebê de seu gosto pela sujeira. (35, pág. 69).

Com freqüência o teatro e os espetáculos representavam o coito dos pais. As inúmeras atuações em que Erna posava de atriz ou dançarina, admirada por todos os espectadores, denunciavam a intensa admiração, mesclada de inveja, que sentia pela mãe. Identificando-se com a mãe, ela também assumia amiúde o papel de rainha, perante a qual todos se inclinavam. Em todas essas cenas era sempre a menina a levar a parte pior. A atitude de Erna em seu papel de mãe, sua ternura pelo marido e sua maneira de vestir-se para despertar admiração, tinham a finalida-

de de despertar a inveja da menina e ferir seus sentimentos. A certa altura declarou que havia uma criancinha saindo dela e representou a cena de maneira bastante realista, contorcendo-se e gemendo. (35, pág. 71).

Erna, que era filha única, em sua imaginação, preocupava-se também com a chegada de irmãos. Não os tendo na vida real, seu temor inconsciente, seu sentimento de culpa pelos impulsos de agressão inconsciente contra a existência imaginária desses irmãos no corpo materno e seus ciúmes, que tinham papel tão importante na sua vida mental, eram revelados e vividos somente durante a análise, o que constitui mais um exemplo da importância da situação transferencial na análise infantil. Mas, por motivos diversos, tinha desejos ocasionais de ter um irmão ou irmã. Entretanto, a essas fantasias sucediam-se, imediatamente, sentimentos de ódio contra os irmãos imaginários, um profundo sentimento de culpa, por fim um acesso de depressão. Essas fantasias contribuíam para as más relações de Erna com outras crianças, que evitava por que as identificava com irmãos imaginários, temendo-as como inimigos, em virtude de seus próprios impulsos agressivos contra esses irmãos. (35, págs. 74 e 75).

Erna forneceu um material abundante referente aos extravagantes impulsos sádicos contra a mãe, mas, durante boa parte da análise, não fez a menor queixa ou crítica contra a mãe real e contra o que verdadeiramente fazia. Embora já conseguisse reconhecer que suas fantasias eram dirigidas contra sua mãe e apesar de ficar cada vez mais claro que ela imitava a mãe de maneira exagerada e invejosa, foi difícil estabelecer a conexão entre suas fantasias e a realidade. A supressão da realidade originava-se se seu excessivo medo dos pais, em especial da mãe. Para diminuí-lo é que Erna se imaginava uma senhora poderosa e

impiedosa acima de sua mãe. (35, págs. 76 e 77).

O caráter paranoide das fantasias de que era cruelmente perseguida pela mãe começaram a evidenciar-se claramente. Ela encarava toda as medidas tomadas para a sua educação, até os menores detalhes de seu vestuário, como um ato de perseguição materna. Ademais, tudo o que sua mãe fizesse, por exemplo, a maneira como se comportava com seu pai, as coisas que fazia para seu próprio divertimento etc, tomava para Erna um sentido de perseguição da qual ela era o objeto. De mais a mais, sentia-se continuamente espionada. Uma das causas de sua excessiva fixação à mãe era a necessidade compulsiva de vigiá-la constantemente; em razão de suas próprias fantasias agressivas, se sentia responsável por qualquer enfermidade de sua mãe e esperava ser castigada. (35, pág. 77).

No caso de Erna foi verificada a presença incontestável de conhecidos fenômenos subjacentes aos delírios de perseguição, isto é, a transformação do amor pelo genitor do mesmo sexo em ódio e uma predominância excepcional do mecanismo de projeção. A análise ulterior revela porém que atrás da atitude homossexual de Erna, num nível mais profundo, havia um sentimento de ódio intenso contra a mãe, derivado da primitiva situação edípica e do sadismo oral. Esse ódio deu lugar a uma ansiedade excessiva que foi, por sua vez, o fator determinante dos menores detalhes de suas fantasias de perseguição. Nas raízes de seu ódio, foi descoberta a inveja oral suscitada pelas satisfações genitais e orais que ela atribuía a seus pais durante as relações sexuais. (35, pág. 79).

A análise de suas idéias de perseguição e a diminuição de sua ansiedade haviam, por conseguinte, logrado fortalecer sua posição heterossexual e melhorar sua relação com a mãe, possibi

litando-lhe ter também sentimentos maternos. Em sua opinião, um dos critérios de êxito numa análise infantil consiste na regulização dessas atitudes fundamentais, que determinam a escolha futura do objeto de amor e o desenrolar de toda a sua vida futura. (35, pág. 81).

Aos 5 anos, em visita a avô, Erna voltou a dormir no quarto dos pais, mas não teve mais oportunidade de ver o coito deles. Embora esquecida do que vira quando menor, disse à avô uma manhã: "Papai foi para a cama com Mamãe e se sacudiu com ela". (35, pág. 83).

Erna contou que, à noite quando parava de bater com a cabeça no travesseiro (representação dos movimentos do pai no coito), ficava com medo de ladrões e assaltantes. Ela se livrava, portanto, de seu medo identificando-se com o objeto temido. Erna se masturbava excessivamente, de varias maneiras, inclusive nas sessões (pressão das coxas, movimento balanceado, puxão no clítoris, ponta de lençol entre as pernas), havendo várias identificações nessas diferentes formas, segundo se, nas fantasias que a acompanhavam, Erna assumia o papel ativo do pai ou o passivo da mãe, ou o de ambos ao mesmo tempo. As fantasias masturbatórias, descritas por Erna na análise, nos intervalos livres, eram fortemente sadomasoquistas e mostravam claramente sua relação com a cena primária e as fantasias primitivas dela. O sadismo era dirigido contra os pais em coito e, como reação, tinha fantasias masoquistas. (35, págs. 84 e 85).

Ao final da análise de Erna, suas fantasias de perseguição haviam sido grandemente reduzidas em frequência e intensidade, mas teria sido necessário reduzir muito mais seu sadismo e a ansiedade, a fim de evitar a possibilidade de uma recaída nas transições para a puberdade e para a idade adulta, períodos de mudança que constituem o melhor teste para saber se a duração

de uma análise infantil foi suficiente ou não. (35, pág. 87).

A análise de Erna, que tinha 6 anos, durou 575 sessões, ao longo de dois anos e meio, tendo sido interrompida, por motivos externos, antes de ser completada. O controle dos resultados foi feito até dois anos e meio após o término do tratamento, mantendo-se a melhora alcançada. (35, pág. 86).

Estudando a estrutura da neurose obsessiva de Erna, M. Klein afirma que foi causada pela sucessão de três vivências de privação ou frustração, resultantes da interação de acontecimentos externos com fatores constitucionais. O desmame, que ela nunca tinha superado, com o desenvolvimento muito rápido do ego em comparação com a libido, que resulta do excessivo sadismo oral e da insuficiente capacidade do ego de tolerar a ansiedade. O incentivo ao controle esfinteriano, conseguido com apenas um ano de idade, com a disposição anal-sádica constitucionalmente forte. Finalmente, a reserva da mãe, a partir de entre seis e nove meses, na limpeza de sua vagina e seu ânus, interagindo com a hiperexcitabilidade da região genital. (35, págs. 82 e 83).

A observação da cena primária, quando Erna tinha dois anos e meio, num veraneio em que dormiu no quarto dos pais, desencadeou a manifestação completa e intensa da neurose, em consequência de um aumento excessivo das tendências destrutivas (sentimento de frustração, inveja e impulsos e fantasias sádicas contra os pais em coito). (35, págs. 83 e 84).

"A Técnica da Análise no Período de Latência" mostra as peculiaridades e dificuldades do tratamento analítico nesse período, apresentando resumos e conclusões da análise de cinco crianças: Grete (7 anos, esquizoide), Inge (7 anos, inibição escolar), Kenneth (9 anos e meio, distúrbios do caráter), Werner (9 anos e meio, neurose obsessiva) e Egon (9 anos e meio, traços psicóticos). A duração de suas análises variou de 210 a 425 sessões, com controle feito de três e meio a 7 anos após o término das mesmas.

Nessa faixa etária, as crianças têm forte tendência à repressão, com imaginação restrita, atitude geral de reserva e desconfiança e dessexualização relativa, diferindo também das crianças menores nos jogos. Têm pouca consciência de doença e não fornecem associações verbais como os adultos. Apesar dessas dificuldades, é possível entrar sem demora em contacto com o seu inconsciente, usando uma abordagem adequada à sua mentalidade. (36, págs. 94 e 95).

A curiosidade reprimida, que se manifesta sob a forma de dúvidas, temores, conhecimento inconsciente ou teorias sexuais, domina o quadro da latência e está associada a sentimentos de culpa e ansiedade. A interpretação desse material estabelece logo a situação analítica, o que libera a imaginação e a comunicação verbal, alivia a criança e a ajuda a compreender o trabalho analítico. São também importantes na latência a luta contra a masturbação e a superenfatisação obsessiva da realidade. (36, págs. 94, 96 e 97).

A análise no período de latência focaliza com frequência jogos com representação de papéis e desenhos, também compreende jogos com brinquedos, mais comuns em crianças menores, e associ-

ações verbais (relatos, estórias, sonhos), como em adultos, inclusive deitando no divã. Todas essas atividades mostram-se, em consequência da repressão da imaginação e da curiosidade e dos dinamismos obsessivos, menos imaginativas, mais adaptadas à realidade, monótonas, obsessivas, aparentemente sem material psicológico e às vezes repetindo-se por semanas ou meses. (36, págs. 97, 98, 102, 105 e 110 a 115). A análise típica do período de latência é lenta, gradual e laboriosa. (36, pág. 113).

O mais importante é estabelecer contacto com as fantasias inconscientes interpretando o conteúdo simbólico do material da criança em relação com a ansiedade e o sentimento de culpa. (36, pág. 113).

É necessário investigar não somente todos os detalhes dos jogos, desenhos e outros materiais, tais como diferenças na forma, na cor e no tamanho, a ordem em que se apresentam e outras pequenas indicações, como também as razões das mudanças de uma atividade para outra. (36, págs. 100, 114 e 115). O modo de fazer perguntas deve ser descoberto em conexão com os jogos e associações. (36, pág. 111).

No tocante à identificação, M. Klein cita o caso de Inge, que parecia normal e cuja análise era profilática. A extensão e a profundidade dos seus distúrbios (inibição da aprendizagem e da escrita, atitude masculina, depressão e sentimento de inferioridade) só foi revelada durante a análise dela, que durou 375 sessões, com bons resultados e controle até sete anos após o término do tratamento. Sua vivacidade decorria de uma atitude homossexual ativa e suas relações, geralmente boas, com os meninos eram baseadas numa identificação com eles. (36, pág. 98).

Durante um tempo considerável, Inge brincou de escritório

com M. Klein, fazendo o papel do gerente, que dava ordens de toda espécie e ditava e escrevia cartas, em contraste com sua grave inibição da aprendizagem e da escrita na vida real, mostrando seu desejo de ser homem. Um dia, ela abandonou esse jogo e passou a brincar de escola com a analista, sendo Inge a professora e M. Klein a aluna, o que durou também muito tempo. O tipo de erros que ela fazia a aluna cometer trouxe muita luz sobre as origens de seu fracasso na escola. Ela, que era caçula, deslocou para a escola a intolerância pela superioridade dos irmãos e irmãs. Os detalhes das aulas que dava, no papel de professora, mostraram que essa intolerância, a dificuldade de aprender e a aversão à escola tinham por motivo profundo o fato de seu desejo de conhecimento, precocemente, não ter sido satisfeito e ter sido reprimido. (36, págs. 98 e 99).

Nos jogos seguintes, Inge fez papel de vendedora de uma loja de brinquedos, fazendo a analista comprar canetas, lápis etc para seus filhos a fim de torná-los inteligentes e espertos, e de vendedora de alimentos para as mesmas crianças. A sequência dos jogos, na ordem evolutiva (do último para o primeiro), com os respectivos simbolismos, mostra as frustrações e os desejos orais (alimentos simbolizando o seio materno e canetas e lápis como pênis paterno), a incapacidade de manter a posição feminina e a identificação com a mãe (por causa dos impulsos agressivos, da culpa e do medo dissimulado da mãe, bem como da atitude masculina) e a tentativa de identificação com o pai, também mal sucedida (medo excessivo do pai, fracasso na escola). (36, págs. 99 e 100).

Em "A Técnica da Análise na Puberdade", M. Klein mostra que a análise nesse período difere, em muitos pontos essenciais, da

análise no período de latência, mas tem fortes pontos de analogia com a análise da criança pequena, porque volta a existir uma maior dominância das emoções e do inconsciente e uma vida de imaginação muito mais rica. Além disso as manifestações afetivas e de ansiedade são muito mais agudas do que na latência. A atitude de desafio e revolta característica da puberdade, que é um mecanismo de defesa, cria uma grande dificuldade técnica da análise nessa idade. (37, pág. 122).

A menos que se tenha um acesso muito rápido à ansiedade do paciente e aos afetos que ele manifesta na transferência, por uma atitude negativa e provocante, a análise corre o risco de ser bruscamente interrompida. Analisando meninos dessa idade, M. Klein constatou repetidas vezes que eles antecipavam violentos ataques físicos por parte dela nas primeiras sessões. Em casos em que observou sinais de ansiedade latente, começou a interpretá-los logo na primeira sessão, a fim de reduzir de imediato a transferência negativa. (37, pág. 123).

Os desejos de competição e de mostrar coragem expressam fantasias de rivalidade com o pai pela posse da mãe e quanto à potência sexual, que são acompanhadas, como na criança pequena, de sentimentos de ódio e agressão, bem como ansiedade e culpa. O menino, na puberdade, toma como modelos heróis, grandes homens e outros objetos afastados, com os quais pode manter sua identificação mais facilmente e supercompensar os sentimentos negativos contra a imagem do pai. Graças à divisão da imago paterna ele desvia suas violentas tendências destrutivas para outros objetos. Juntando sua admiração supercompensatória por alguns objetos com o ódio excessivo e o desprezo por outros, tais como professores, parentes etc., podemos analisar seu com

plexo edípico e seus afetos, como fazemos no caso das crianças pequenas. (37, págs. 124 e 125).

O esporte desempenha, por várias razões, um papel muito grande na vida e nas fantasias do adolescente. Em alguns casos, de acentuada repressão, um certo tipo de esporte torna-se seu único interesse, equivalente a um jogo exclusivo e invariável da criança pequena, devendo ser interpretado como um jogo ou um sonho. Estórias monótonas sobre esporte podem levar meses de análise. (37, pág. 125).

Estudando a análise do menino Willy (14 anos de idade) em que estórias sobre motores, bicicletas, corridas etc., se prolongaram por meses, M. Klein mostra que foi possível, através desses tópicos, descobrir a razão de seu profundo sentimento de culpa em relação ao irmão menor, com quem tivera relações sexuais. Nessas relações com o irmão, Willy se identificou com um amigo mais velho que o havia seduzido. O medo de ter sujado e danificado o irmão advinha de fantasias sádicas contra o irmão e mais profundamente contra os pais. (37, pág. 128).

As primeiras menstruações despertam na menina forte ansiedade. Além de outros significados conhecidos são vivenciadas como uma prova exterior de que o interior do seu corpo, assim como os bebês imaginários, foram destruídos. Por esta razão o desenvolvimento de uma atitude completamente feminina na menina é mais demorado e tem mais dificuldades do que o estabelecimento da posição masculina no menino. Em consequência, seus componentes masculinos podem ser reforçados quando ela atinge a puberdade, mas, no nível profundo do psiquismo, há uma diferença de estrutura entre os complexos de castração do menino e da

menina. Na menina, é o medo que a mãe destrua seu corpo que a faz rejeitar a posição de mulher e de mãe, o qual é derivado de seus impulsos agressivos contra a mãe. Na análise do tipo ativo de menina que assume uma atitude de rivalidade face ao sexo masculino, descobre-se esses temores e sentimentos de culpa que a levam a uma identificação com o pai. Na menina do tipo inibido, podem levar a uma inibição da vida sexual e do desenvolvimento da personalidade. (37, págs. 129 e 130).

No final deste trabalho, M. Klein afirma que em certo número de casos, compreendendo crianças de 3 até 12 anos de idade em que, após 3 a 9 meses a análise teve de ser interrompida, houve melhora considerável do quadro clínico inicial e as crianças se sentiram melhor. E, se bem que, uma análise incompleta nada mais possa fazer do que diminuir a neurose de uma criança, contribui muito para prevenir o aparecimento de uma grave neurose obsessiva ou de uma psicose. (37, págs. 140 e 141).

Em "A Neurose na Criança", M. Klein estuda os sintomas e inibições da criança, nas diversas fases da evolução, o papel dos fatores psicológicos na predisposição às doenças orgânicas e na evolução das mesmas e as características da criança normal, salientando que os critérios de normalidade da criança são diferentes dos do adulto, assim como os quadros clínicos mentais.

M. Klein também analisa as indicações de tratamento e os critérios de término do mesmo, apresentando alguns casos clínicos de crianças. Revendo o caso de Rita, de 2 anos e 9 meses de idade, relata que ela era muito inibida no jogo e que a única coisa que fazia era brincar com bonecas e animais de brinquedo de modo obsessivo. Banhava as bonecas e trocava

a roupa delas continuamente e quando introduzia um elemento imaginativo nesse jogo, isto é, quando ela começava verdadeiramente a brincar, tinha uma crise de ansiedade e interrompia o jogo. A análise mostrou que sua atitude feminina e maternal era muito pouco desenvolvida e no seu jogo com a boneca ela fazia pouco papel de mãe. Sua relação com a boneca era principalmente de identificação, na qual o seu próprio medo de ser suja da ou atacada a incitava a lavar a boneca e mudar suas roupas. A elaboração de sua ansiedade mais profunda, isto é, o medo de que sua mãe roubasse seus bebês imaginários (complexo de castração), gerou nela uma atitude genuinamente maternal com a boneca e o ursinho. (38, págs. 161 e 162).

Em "As Atividades Sexuais da Criança", Melanie Klein estuda a masturbação e os jogos sexuais, bem como as fobias, a impotência, a frigidez e outros distúrbios sexuais, nas suas origens infantís, bem como, a relação entre as fantasias masturbatórias e as sublimações. Afirma que uma das conquistas importantes da Psicanálise é a descoberta de que as crianças possuem uma vida sexual, que se exprime tanto em atividades sexuais diretas quanto em fantasias sexuais. (39, pág. 164).

São estudados alguns casos de crianças, inclusive o dos irmãos Franz e Günther de 5 e 6 anos respectivamente, cuja análise revelou em ambos fortes traços psicóticos. Esses meninos apresentavam um sentimento de culpa muito pesado, inconsciente, com relação a jogos sexuais quando tinham 3 anos e meio e 2 anos respectivamente, acompanhados de fantasias destrutivas entre si e contra os pais unidos no coito. Ambos foram criados em ambiente pobre, mas não desfavorável. Seus pais se davam bem e sua mãe se interessava ativamente pelos filhos. Franz era

agressivo e difícil de lidar e Günther muito tímido, reservado e desconfiado. (39, págs. 166 e 167).

Günther, o irmão mais velho, é que seduzira Franz e as vezes o forçava às atividades sexuais. Apesar de ter sido o seduzido e do medo que tinha, Franz nunca se queixou a ninguém e sempre ocultou as relações, tendo reagido a essas atividades sexuais com sentimento de culpa e fixação masoquista. A atitude de Franz, entre outras, era motivada pelas seguintes razões. Por um lado, Franz identificava-se em fantasias sádicas, com o irmão que o violentava, gratificando assim suas próprias tendências sádicas. Essas tendências como sabemos são uma das fontes do masoquismo. Por outro lado, identificando-se com o objeto de seu medo, estava tentando dominar a ansiedade. (39, pág. 168). Franz as vezes mostrava ódio e cólera durante a seção analítica, ameaçando Melanie Klein com a colher de madeira, querendo introduzí-la em sua boca e chamando-a de pequena, estúpida e fraca. A colher simbolizava o pênis de seu irmão, introduzido à força em sua boca. Ele se identificava com o irmão e assim voltava contra si mesmo o ódio que tinha a ele. (39, pág. 169).

Segundo as observações de M. Klein, são frequentes as relações sexuais entre crianças, sobretudo entre irmãos e irmãs, no início da infância, mas não se prolongam na latência e na puberdade, salvo se a ansiedade intensa e a excessiva culpabilidade de reforçarem sua fixação gerando uma compulsão à repetição. As experiências sexuais precoces, embora possam ser danosas em alguns casos, ajudam em outros, gratificando a libido e o desejo de conhecimento sexual. Quando predominam os fatores positivos e libidinosos, os resultados são bons e, quando predominam os impulsos destrutivos e os atos de coerção, podem fazer muito mal.

3.1.3 - Psicanálise da Criança - 1932 (Parte II-Teoria)

A segunda parte de "Psicanálise da Criança" é predominantemente teórica, compreendendo as relações objetais iniciais, as primeiras situações de ansiedade, o desenvolvimento do ego e do superego, os primeiros estádios do conflito edípico, o desenvolvimento sexual do menino e da menina e o alcance e o limite da análise infantil. O conceito de identificação continua, nos cinco capítulos que constituem essa segunda parte da obra citada, a figurar com freqüência e importância crescente, adquirindo uma precisão cada vez maior.

Em "Primeiros Estádios do Conflito Edípico e da Formação do Superego" é empreendida a demonstração de que os primeiros estádios do conflito edípico e da formação do superego estendem-se, aproximadamente, da metade do primeiro ano de vida até o terceiro ano de vida da criança. As conclusões teóricas de M. Klein se baseiam na análise de crianças pequenas e na discussão de contribuições teóricas próprias e de vários autores, especialmente Freud, Abraham e Jones. (40, pág. 179). A ansiedade teria sua origem na agressividade, mas a frustração libidinal, incrementando os instintos sádicos, libertaria ou aumentaria a ansiedade, indiretamente. (40, pág. 183).

Para que o desenvolvimento da criança seja normal, seria preciso o estádio oral de sucção correr satisfatoriamente, isto é, o sadismo oral não surgir muito cedo nem muito violentamente. Outro fator evolutivo de importância básica seria a maior ou menor capacidade de tolerância à ansiedade do ego imaturo (40, pág. 181).

Um dos meios de que o ego disporia para dominar os impulsos destrutivos que permanecem no organismo seria mobilizar uma parte desses impulsos e utilizá-los como defesa contra a outra parte. O id sofreria uma divisão, que seria o primeiro passo para a formação das inibições instintivas e do superego, isto é, a repressão primária. Essa divisão tornar-se-ia possível pelo fato de que, assim que o processo de incorporação se inicia, o objeto incorporado converte-se em agente de defesa contra aqueles impulsos destrutivos. Na opinião da autora, o objeto incorporado assumiria instantaneamente as funções de um superego. (40, pág. 184).

O crescente sadismo oral atingiria o seu apogeu durante e após o desmame, ativando e desenvolvendo ao máximo as tendências sádicas que fluem de diversas fontes (uretral, anal, muscular. (40 pág. 185). Embora possa parecer inacreditável a idéia de um bebê de seis a doze meses com tais desejos destrutivos, na análise de criança pequenas evidencia-se claramente a crueldade imaginária que acompanha esses desejos, inclusive a fantasia sádica que culmina com o canibalismo. (40, pág. 187 e 188).

Nesse estágio o conflito edípico ainda não é tão claramente visível, como no terceiro ano de vida, porque a criança pequena dispõe de menos meios de expressão emocional e suas relações objetais são ainda vagas e confusas. Além disso, ela dirige a maior parte de seus afetos aos seus objetos imaginários, em particular os objetos internalizados. (40, págs. 191 e 192)

A autora considera que os primeiros impulsos e fantasias genitais, apesar de surgirem durante a fase sádico-oral, constituem, para crianças de ambos os sexos, os primeiros estádios

do conflito edípico, pois já começam a sentir, além dos desejos orais, uretrais e anais, desejos genitais pelo genitor do sexo oposto e ciúme e ódio pelo genitor do mesmo sexo e a sofrer um conflito entre seu amor e seu ódio pelo último. Observou, na sua experiência com criancinhas pequenas, que os terrores noturnos e as fobias já se deviam à presença de um conflito edípico. (40, págs. 191 e 192).

Quando a criança assiste à cena primária ou a fantasia (herança filogenética, segundo Freud), sente impulsos pregenitais poderosos, como urinar na cama ou defecar, acompanhados de fantasias sádicas contra os pais. De acordo com suas observações, as fantasias masturbatórias infantis têm como núcleo as primeiras fantasias sádicas centradas no coito dos pais. (40, págs. 188 e 192).

O sentimento de culpa seria, na realidade, uma reação aos impulsos destrutivos e fantasias sádicas dirigidos contra os pais. (40, pág. 193).

Se as tendências edípicas se estabelecem na fase de exacerbação do sadismo, pode-se aceitar a hipótese de que são principalmente os impulsos de ódio que provocam o conflito edípico e a formação do superego e governam seus primeiros e decisivos estádios. Freud assinalou em diversas oportunidades que, no desenvolvimento do indivíduo, o ódio precede o amor. Em "Os Instintos e suas Vicissitudes" afirma que a relação de ódio para com o objeto é mais antiga do que a de amor e derivada do repúdio primitivo pelo ego narcisista ao mundo externo, de onde flui a torrente de estímulos. (40, pág. 193).

A primeira relação objetal do bebê incluiria apenas um objeto, o seio materno, que representaria a mãe e o mundo exte-

rior. As fantasias agressivas, qualquer que seja sua natureza (oral, uretral, anal), têm por primeiro objeto o seio frustador da mãe. Com o desenvolvimento, procura redescobrir seus próprios órgãos e suas funções, como Ferenczi demonstrou, no exterior, sobretudo no corpo da mãe, cujo interior passaria a representar a pessoa inteira da mãe como objeto, simbolizando o mundo exterior e a realidade e contendo os mais variados objetos. (40, págs. 186 e 208).

A agressividade e a ansiedade decorrente da mesma não são os únicos fundamentos das relações objetais. As relações libidinais com os objetos e a influência exercida pela realidade contrabalançam o medo das ameaças internas e externas, permitindo que os objetos reais se imponham e que as imagens fantásticas retrocedam para segundo plano (40, págs. 208 e 209). Por outro lado, a criança atribui aos seus objetos imaginários não somente ódio e ansiedade, mas também sentimentos positivos. (40, pág. 192).

No presente trabalho, Melanie Klein emprega quase exclusivamente o conceito de identificação na formação inicial do superego, citando apenas passageiramente algumas relações da identificação com a introjeção e a projeção.

O começo do superego é formado pelas primeiras catéxis de objeto e identificações. Esses objetos são introjetados na fase oral-sádica, sob a supremacia dos impulsos pregenitais. As primeiras identificações da criança refletem os objetos de maneira irreal e distorcida. No início do desenvolvimento, conforme Abraham, tanto os objetos reais como os introjetados são representados sobretudo por seus órgãos. O pênis paterno, objeto de ansiedade por excelência, é comparado, no in-

consciente, a armas e animais ameaçadores e a vagina a uma abertura perigosa. Essas equações resultam de um mecanismo universal, de importância fundamental para a estrutura do superego. O núcleo do superego seria, então, formado por essas in-corporações parciais, marcadas pelos impulsos pregenitais. A criança introjeta tanto as imagos boas como as más, as quais, com a gradual adaptação à realidade e com a formação do superego, se aproximam cada vez mais dos objetos reais correspondentes. (40, pág. 195).

A autora diz que assim como uma parte da ansiedade em relação ao objeto introjetado, a admiração pelo poder do pai também teria origem filogenética (medo do pai da horda primitiva e admiração por seu poder), o que é corroborado na análise de crianças muito pequenas, de ambos os sexos, que tanto temem o pai quanto têm uma admiração, primária e profunda, por seu poder. (40, pág. 196).

Afirma que os primeiros estádios da formação do superego são as primeiras identificações, diferindo estas das identificações nos estádios posteriores, na qualidade e no modo de atuação. (40, pág. 198). O medo do superego inicial (oral sãdico) origina a sua projeção no exterior, seguindo-se uma ação recíproca entre projeção e introjeção, que parece ser de fundamental importância para a formação do superego, para o desenvolvimento das relações objetais com pessoas e para a adaptação à realidade. (40, págs. 200 e 203).

A ansiedade, por um lado, tem uma ação inibidora do desenvolvimento e, por outro, promove o crescimento do ego e da vida sexual. (40, pág. 200).

A interação entre a formação do superego e as relações objjetais, baseada na interação da projeção (de imagens terroríficas) e da introjeção (de objetos reais bons), influencia profundamente o desenvolvimento da criança. (40, pág. 209).

Em "As Relações entre a Neurose Obsessiva e os Primeiros Estádios do Superego", M. Klein prossegue o estudo do desenvolvimento, nas duas subfases da fase anal, do superego, da libido e das relações com os objetos, bem como a modificação que produzem nas situações precoces de ansiedade da fase oral.

Em consequência da frustração oral, tanto a menina como o menino buscam o pai, inicialmente representado pelo pênis, como novo objeto de gratificação. Os sentimentos de ansiedade e ódio que aparecem com as tendências edípicas fazem o menino voltar para a mãe, agora com impulsos genitais. A inclinação da menina pelo pai e o retorno do menino à mãe, estabelecem um novo nível de gratificação libidinal da criança, em que os órgãos genitais começam a fazer sentir sua influência. (41, págs. 210 e 211).

Tanto a polaridade como a interação da libido com os im pulsos destrutivos (para a autora instintos de vida e de morte) são fatores de importância fundamental para a dinâmica dos processos psíquicos. Como as duas tendências são, indissoluvelmente, unidas e opostas, a emergência dos estádios evolutivos corresponde a um ajustamento progressivo entre ambas. (41, págs. 211 e 212).

Normalmente, a criança só fornece indícios muito leves de suas tendências destrutivas (sádico-orais e sádico-anais), mostrando apenas derivados de suas fantasias agressivas. As fantasias extravagantes muito precoces, que surgem quando o ego é

muito primitivo e a vida imaginativa muito acentuada, nunca se tornam conscientes. Na criança pequena, ao que parece, paralelamente com as relações com os objetos reais, há relações com imagos irreais excessivamente boas e excessivamente mãs, havendo, no início, uma separação maior entre os objetos reais e imaginários, o que também explica a pálida manifestação agressiva contra os objetos reais. (41, págs. 212 e 213).

Os pontos de fixação, predominantes na fase oral de sucção ou na fase oral canibalística, conforme Abraham, determinam a natureza das relações objetais e do caráter da criança. (41, pág. 213).

Na formação do superego, volta M. Klein a referir o conceito de identificação, dizendo que as fixações no estágio oral de sucção neutralizarão as identificações terríficas do estágio oral canibalístico, produzidas sob a dominância dos impulsos sádicos. A introjeção de uma mãe boa, pela equação imaginária do seio com o pênis, conduz ao estabelecimento de uma imago paterna amistosa. (41, págs. 213 e 214).

Após discorrer sobre os estádios anais e genital, bem como sobre os dinamismos fóbicos e obsessivos, termina o capítulo afirmando que as interações que ocorrem entre projeção e introjeção e entre a formação do superego e as relações objetais, na sua opinião, dominam todos os estádios iniciais do desenvolvimento da criança. (41, pág. 244).

O capítulo seguinte é "O Significado das Primeiras Situações de Angústia no Desenvolvimento do Ego", em que são estudados os métodos normais que o ego, no curso do seu desenvolvimento, lança mão para dominar a ansiedade. O ego, em seus esforços, se vale de suas relações com os objetos e com a reali-

dade. (42, pág. 249).

Um desses métodos é a projeção, empregada largamente nos brinquedos infantis, que ajuda a criança a dominar seus medos instintivos e perigos internos, delocando-os para o mundo exterior, o que aumenta a importância dos objetos e possibilita o teste da realidade. O teste da realidade incentiva o instinto epistemofílico, a superação de temores, a defesa contra os perigos e a reparação dos objetos. (42, págs. 247 e 248).

Outro mecanismo importante é a introjeção, que interage constantemente com a projeção, pois a internalização dos objetos reais bons alivia a ansiedade, o sentimento de culpa e o medo do superego e dos objetos introjetados terrificantes, o que fortalece a fixação da criança à mãe e aumenta sua necessidade de amor e proteção. (42, pág. 248).

O medo dos objetos perigosos, contido nas situações iniciais de ansiedade da criança pequena, é, com a evolução, acrescido do medo pelo objeto. Toda criança pequena, como salientou Freud, ainda não consegue distinguir entre uma ausência temporária e uma perda definitiva. Temeria, assim, que a mãe morresse, em consequência de seus ataques imaginários, receando ficar abandonada e desamparada. A autora observou, inúmeras vezes, que em crianças maiores a ausência da mãe reativa as situações iniciais de ansiedade, em que, quando pequenas, haviam sentido sua ausência temporária como permanente. (42, págs 248 e 249).

Quanto à evolução do ego, salienta M. Klein que até a latência o ego, sendo mais fraco e sua energia sendo absorvida pela pressão do id e a correspondente severidade do superego, oscila continuamente entre o superego e os objetos introjeta-

dos, por um lado, e os objetos reais, por outro, entre o mundo da fantasia e o mundo da realidade. (42, pág. 250).

No período de latência, com o crescimento do ego, o desenvolvimento da libido, o declínio do conflito edípico e a consolidação do superego, o ego é mais forte e consegue um equilíbrio. O ego se une ao superego e estabelecem um ideal comum, que implica principalmente na sujeição do id e na adaptação do mesmo às exigências dos objetos reais e do mundo exterior. (42, pág. 250).

Na puberdade, há uma ruptura desse equilíbrio, pelo ressurgimento da libido, que aumenta as exigências do id, e a concomitante pressão maior do superego, não sendo mais eficaz o acordo anterior e havendo aumento da ansiedade. O ego, então, em concordância com o superego, estabelece um novo preceito, que implica no desprendimento dos objetos originais de amor. (42, págs. 250 e 251).

Na adolescência, há discórdias com a família e a busca de novos objetos, o que está de acordo, até certo ponto, com as exigências da realidade nessa faixa etária. Durante o desenvolvimento, o afastamento dos objetos originais produz um desprendimento parcial de objetos pessoais e sua substituição por princípios e ideais. O ego e o superego passam a trabalhar conjuntamente para a criação de padrões adultos. O indivíduo passa a adaptar-se a um mundo maior, cujas exigências reconhece, mas como algo que corresponde mais aos seus próprios valores internos, independentes e auto-impostos. Esse novo equilíbrio repousa na aceitação de uma nova realidade e a participação de um ego mais forte. (42, pág. 251).

O novo equilíbrio, assim como o da latência, é atingido

pelo acordo entre o ego e o superego sobre um padrão comum e pelo estabelecimento de um ideal do ego que toma em consideração as exigências da realidade. (42, pág. 252).

O conceito de identificação, nesse capítulo, aparece primeiro nos jogos de meninas pequenas do tipo "brincar de mãe". A análise de crianças normais mostrou que esses jogos não são somente a realização de um desejo, mas contêm também uma profunda ansiedade, pertencente às primeiras situações de ansiedade e por baixo do freqüente desejo de ter bonecas há uma necessidade de consolo e reassseguramento. Alimentando e vestindo as bonecas, com as quais se identifica, ela obtém a prova de ter uma mãe que a ama e assim diminui seu medo de ser abandonada e ficar sem lar e sem mãe. (42, págs. 252 e 253).

Estudando o desenvolvimento do superego, que é formado de imagos muito diferentes constituídas durante o desenvolvimento, é salientado que na sua consolidação, durante a latência, há uma maior síntese das diversas identificações, uma maior unificação das exigências e um melhor ajuste entre os objetos internalizados e a realidade externa. (42, pág. 258).

Para haver uma transição bem sucedida ao período de latência é necessário haver representantes do superego no mundo exterior. O ego da criança só se sentirá capaz para a tarefa de conter o id e de se opor aos impulsos proibidos se os adultos o ajudarem em seus esforços. Por isso é que, conforme se verifica com freqüência em análise, quando as pessoas encarregadas de uma criança se identificam muito intensamente com o mau comportamento e as tendências agressivas da mesma, ela fica sofrendo e com conflitos psíquicos. (42, págs. 258 e 259).

A identificação também é mencionada em relação com a di-

visão da imago paterna, em uma imago exaltada e admirada e uma imago mãe, que ocorre no adolescente masculino, possibilitando que ele retome sua ligação positiva original com o pai com menos risco de entrar em choque com ele. Ele ama e admira a boa imago e se satisfaz por ter um pai poderoso e protetor, podendo também identificar-se com ele e fortalecer sua crença nas suas próprias capacidades construtivas e na sua própria potência sexual. Pode, por outro lado, dirigir intensos sentimentos de ódio contra a mã imago, representada amiúde pelo pai real ou por um substituto, como um professor, provando a si mesmo que pode competir com o pai e não precisa ter medo de ser castrado por ele. (42, pág. 261).

As diversas atividades, interesses, relações sociais, realizações e até as ações triviais, assim como os jogos infantis, são sublimações e representam reparações dos objetos e restaurações do próprio corpo. Servem para dominar a ansiedade do indivíduo e aliviar sua culpa, gratificam seus impulsos e contribuem para o desenvolvimento do ego e a saúde mental. (42, págs. 264 e 266).

Em "Os Efeitos das Primeiras Situações de Ansiedade sobre o Desenvolvimento Sexual da Menina", M. Klein aborda a situação de angústia da menina, os primeiros estádios do conflito edípico, a onipotência dos excretos, as primeiras relações com a mãe, o papel da vagina, o complexo de castração, as tendências reparadoras, os fatores externos, a puberdade, as relações com os filhos e o desenvolvimento do ego. Nesse trabalho, o conceito de identificação é empregado diversas vezes.

Estudando a mulher frígida, que considera uma das formas das mulheres masoquistas (dominadas pelo medo do pênis introje

do), afirma que na infância ele teria tido impulsos agressivos intensos contra a mãe, que a fizeram imaginar o pênis paterno como perigoso, a vagina materna como um instrumento de morte e a mãe como perigosa para o pai durante o coito. A mulher frígida tem medo tanto de sofrer danos do pênis no coito, como de castrar o parceiro, em parte devido aos seus próprios impulsos sádicos e em parte à sua identificação com a mãe sádica (objeto internalizado). (43, pág. 280).

Quando a menina pequena começa a identificar-se com o pai, logo após haver se identificado com a mãe, seu clítoris assume rapidamente a significação de pênis em suas fantasias masturbatórias, as quais, nesse estágio precoce são governadas pelas tendências sádicas, por isso diminuem ou cessam no final da fase fálica. (43, pág. 290).

Pelo que a autora observou, a identificação com o pai, que a menina manifesta tão claramente na fase fálica, com os sinais de inveja do pênis e de complexo de castração, é o resultado de um processo gradual que abrange muitas etapas. Sua identificação com o pai é afetada pela angústia oriunda da posição feminina e a posição masculina que ela adota em cada uma das fases evolutivas é superposta à posição masculina pertencente a uma fase anterior. (43, págs. 290 e 291).

Quando a menina pequena abandona o seio materno e se volta para o pênis do pai como objeto de gratificação, ela se identifica com a mãe. Mas assim que sofre uma frustração também nessa posição, identifica-se rapidamente com o pai, que, segundo ela imagina, obtém satisfação do seio e de todo o corpo da mãe, fontes primárias de gratificação que ela foi forçada a abandonar. Sentimentos de ódio e de inveja para com a mãe, as-

sim como desejos libidinais, concorrem para criar essa primeira identificação da menina com o pai, imaginado como figura sádica (43, pág. 291).

Nessa identificação a enurese desempenha um importante papel. Crianças de ambos os sexos consideram a urina, em seu aspecto positivo, como equivalente ao leite materno, pois o inconsciente equaciona as substâncias corporais. Suas observações demonstram que a enurese, em sua significação primitiva tanto de ato positivo de dar, como de ato sádico, é a expressão de uma posição feminina, tanto em meninos quanto em meninas. Parece que o ódio que as crianças sentem pelo seio da mãe, por haver frustrado seus desejos, suscita nelas, concomitantemente com os impulsos canibais ou logo depois, fantasias de lesar e destruir o seio com sua urina. (43, págs. 291 e 292).

Na fase sádica, a menina acredita sobretudo no poder mágico de seus excretos enquanto o menino fantasia o pênis como o principal instrumento do seu sadismo. Mas a crença da menina na onipotência de suas funções urinárias, também a leva a identificar-se, embora em grau menor do que o menino, com o pai imaginado como sádico, a quem ela atribui poderes uretrais especiais, em virtude de ele ter um pênis. A incontinência urinária passa logo, desse modo, a representar uma posição masculina em crianças de ambos os sexos. (43, pág. 292).

A identificação da menina com o pai com base na introjeção do pênis segue, na experiência da autora, a identificação sádica primária com ele através da enurese. Em suas fantasias masturbatórias iniciais, ele se identificou alternadamente com cada um dos pais. Quando ocupa a posição feminina, sente medo

do mau pênis paterno que internalizou e, para combater esse temor, ela lança mão do mecanismo de defesa que consiste na identificação com o objeto de sua ansiedade. A posse imaginária do pênis roubado produz um sentimento de onipotência, que aumenta o poder mágico que atribui aos excretos. Nessa posição, ela fantasia atacar e controlar ambos os pais onipotente mente, como defesa contra a ansiedade. Essa atitude estaria muito desenvolvida em mulheres homossexuais e em portadoras de traços paranoides predominantes (43, págs. 292 e 293).

O êxito final do desenvolvimento sexual infantil é produto de um processo de flutuação entre diversas posições e é construído sobre vários compromissos entre o ego e o superego e entre o ego e o id, resultantes dos esforços do ego para dominar a ansiedade. (43, pág. 301).

Com o aparecimento das tendências reparadoras, o ego da menina busca restaurar ambos os pais e uni-los de novo em harmonia. Imagina o pênis e a vagina dos pais como restauradores e gratificadores. Vendo a vagina materna como boa e proporcionadora de prazer, evoca sua primeira imagem da mãe boa que amamentou. Por identificação com a mãe, pode ver-se como uma pessoa benéfica e generosa e pode ver o pênis do parceiro amorc como bom (43, págs. 300 e 301).

Apreciando os fatores externos do desenvolvimento, M. Klein considera que a evolução psíquica da criança é modelada pela interação das primeiras fantasias e da vida instintiva, por um lado, e a influência da realidade, por outro. A realidade e os objetos reais afetam as situações de ansiedade desde o início da existência da criança, que os considera como

provas ou refutações das situações de ansiedade, deslocadas por ela para o exterior (43, pág. 302)

Devido à interação dos mecanismos de projeção e introjeção os fatores externos influenciam a formação do superego, a maturação dos instintos e das relações objetais e o desenvolvimento sexual. (43, pág. 302).

Dependendo das primeiras situações de ansiedade, os mesmos eventos podem ter efeitos diferentes em diferentes crianças. Mas indubitavelmente a existência de relações felizes e harmoniosas entre os pais e entre as crianças e seus pais é de importância fundamental para o desenvolvimento sexual e a saúde mental (43, pág. 303).

Abordando as relações com os filhos, salienta a autora que a atitude da mulher em relação aos seus objetos introjetados, especialmente o pênis paterno, é que determina sua atitude para com o marido e a criança, assim como suas primeiras relações afetivas com os pais, irmãos e tios. Ter um filho representa a restauração de objetos e até mesmo, em alguns casos, a recriação de um mundo inteiro. (43, págs. 313 e 314).

Ao cuidar do bebê e lhe dedicar afeto, a mulher, além de realizar seus desejos mais primitivos, também compartilha dos prazeres que proporciona a ele, identificando-se com o filho. Pode, assim, renovar e reparar suas ligações iniciais com a própria mãe. (43, pág. 315).

As diferenças sexuais anatômicas afetam de diversas maneiras tanto o desenvolvimento do superego como o do ego do menino e da menina.

Os mecanismos de introjeção e projeção são mais fortes na mulher do que no homem, na qual há uma maior dependência dos objetos e uma participação maior do id e do superego na sua constituição psíquica. (43, págs. 316, 317 e 321).

Parece que o modo de ampliar o conhecimento a respeito do ego, seguindo os caminhos que Freud indicou, é apreender mais sobre as várias identificações que ele faz e sobre as relações que tem com elas. As identificações diferem de acordo com o estádio evolutivo em que se produziram e conforme se referiam à mãe, ao pai ou a uma combinação dos dois. (43, págs. 318 e 319)

O pleno desenvolvimento da personalidade seria um estado de harmonia interior, baseado na existência de boas relações entre o ego e suas identificações, entre essas identificações e especialmente entre as imagos paterna e materna. Essa harmonia interior é uma condição necessária para o desenvolvimento sexual satisfatório, boas relações objetais e a harmonia com o mundo exterior. (43, pág. 322).

Em "Os Efeitos das Primeiras Situações de Ansiedade sobre o Desenvolvimento Sexual do Menino" são estudados a fase feminina, os primeiros estádios do conflito edípico, as primeiras situações de ansiedade, a onipotência sádica do pênis, os incentivos à atividade sexual, a fantasia da mulher com o pênis, os estádios ulteriores do conflito edípico, as tendências reparadoras e as atividades sexuais, o significado da fase feminina na heterossexualidade, o reforço secundário do orgulho do pênis, as perturbações do desenvolvimento sexual e a adoção da homossexualidade, bem como o resumo da análise de dois adultos com distúrbios sexuais. O conceito de identificação volta a

ser usado diversas vezes nesse capítulo.

O menino, após a frustração oral, passaria de uma fixação oral de sucção ao seio da mãe para uma fixação oral de sucção ao pênis do pai (fase feminina do menino), na qual se identifica com a mãe, assumindo uma posição oral e uma posição feminina. Depois, sob a influência crescente dos impulsos genitais, o menino abandona sua identificação com a mãe e, concentrando sua onipotência no pênis, consolida sua posição masculina (heterossexual). (44, págs. 326 a 328).

Sob a supremacia do estádio genital, as fantasias de reparação e o sentimento de culpa concorrem para transformar o pênis paterno, imaginariamente, em um órgão bom e benéfico. O medo do mau superego derivado do pai se atenua e o menino pode renunciar à identificação com o mau pai em suas relações com os objetos reais e identificar-se mais intensamente com o bom pai. A primeira identificação, com o mau pai, era, em parte, identificação com o objeto de ansiedade. (44, págs. 337 e 338).

Se o ego do menino for capaz de tolerar e modificar uma certa quantidade de sentimentos destrutivos contra o pai e se for suficientemente forte sua crença no bom pênis paterno, ele pode manter tanto a rivalidade com o pai, necessária ao estabelecimento de uma posição heterossexual, quanto sua identificação com ele. (44, pág. 338).

Para que seja atingida no final a posição heterossexual é necessário que a fase feminina inicial do menino tenha tido uma evolução favorável e tenha sido superada com êxito. A capacidade masculina de compreender as necessidades psíquicas da mulher, apesar das diferenças e dificuldades entre os dois se-

xos, é devida grandemente à identificação inicial com a mãe. (44, págs. 338 e 339).

A diminuição do medo do mau superego e do mau conteúdo do seu corpo, observada na análise de meninos e de homens adultos, capacita a uma melhor identificação com os bons objetos introjetados e assim um ulterior enriquecimento do ego é obtido. (44, pág. 341).

Nas relações iniciais da criança pequena com o seio materno, os efeitos das imagens terrificantes já são diferentes em cada sexo. (44, pág. 342).

A autora observou, na análise de crianças e adultos, o medo das fezes assemelhadas a pequenos animais e insetos, tais como ratos, moscas e pulgas. Chamou de ansiedade paranoide a ansiedade ligada aos perseguidores, tais como as fezes e o pênis imaginados assim. Descrevendo a análise de um paciente adulto homossexual (Sr.B), salientou que sua preocupação com a aparência, que ele receava que afugentasse as pessoas, era um deslocamento para o exterior de sua preocupação com o interior do corpo e de sua ansiedade hipocondríaca. (44, págs. 347 e 350).

Analisando o relacionamento do Sr. B com um tipo de parceiro que considerava inferior e sem atrativos, mas de quem se mostrava amigo e a quem ajudava, assinalou M. Klein que o Sr.B se identificava com o objeto inferior e castrado, de modo que seu ódio ao objeto também se dirigia contra si mesmo e a reparação do pênis do objeto implicava, na sua fantasia, na restauração do seu próprio pênis. (44, pág. 358).

Com o prosseguimento de seu tratamento, que durou 380 sessões (2 anos), sendo interrompido por motivo de viagem de re-

torno ao país de origem, a posição heterossexual do Sr. B foi fortalecida, desapareceram quase inteiramente a inibição no trabalho e as depressões profundas e diminuíram consideravelmente os sintomas obsessivos e a ansiedade, tanto do tipo paranoide quanto do hipocondríaco. O Sr. B foi capaz de identificar-se com a boa mãe restaurada (no interior dela e na criação de filhos) e, parcialmente, com o bom pai, necessitando essa última identificação ser robustecida em tratamento ulterior, a fim de ficar estabelecida uma posição heterossexual definitiva. (44, págs. 364 a 367).

Finalmente no apêndice "Alcances e Limites da Análise Infantil", M. Klein afirma que a análise infantil afrouxa as fixações pregenitais, atenua a severidade do superego, e a pressão dos desejos instintivos, diminui a culpa e a ansiedade e desenvolve o ego, a libido e as relações objetivas e com a realidade. (45, pág. 369).

Por outro lado, como as situações de ansiedade, ligadas aos impulsos pregenitais, jamais desaparecem totalmente, não pode haver uma cura analítica absoluta. (45, pág. 371).

Estudando os fatores psicopatogênicos, salienta que as primitivas situações de ansiedade da criança são a base de todas as afecções psiconeuróticas. A enfermidade já existe de forma latente e se torna doença manifesta, reconhecida na prática, em consequência de certos eventos, que confirmam, em grau elevado, suas situações iniciais de ansiedade predominantes ou que perturbam o processo de dominar a ansiedade (por exemplo, decepções). Os dois tipos de acontecimentos são paralelos até certo ponto. Qualquer ocorrência que age ao mesmo tempo das duas maneiras descritas é especialmente provocador de doença mental. (45, págs. 371)

e 372).

Quanto mais a análise puder diminuir a intensidade das situações de ansiedade primitivas e fortalecer o ego e seus mecanismos de dominar a ansiedade, mais diminuirá a possibilidade de uma doença futura, tendo também grande valor como medida preventiva. Se todas as crianças que apresentam distúrbios graves fossem analisadas a tempo, um grande número de pessoas, que sofrem graves crises ou terminam em hospitais psiquiátricos ou em prisões, seriam salvas deste destino e poderiam levar uma vida normal, o que seria de uma utilidade social incalculável. (45, págs. 372 e 374).

A experiência da autora e de outros analistas infantis deu-lhes boas bases para acreditarem que as psicoses e os traços psicóticos, os distúrbios caracterológicos, a conduta associada, as graves neuroses obsessivas e as inibições do desenvolvimento podem ser curadas quando o indivíduo é ainda jovem. Depois de adulto, essas condições seriam inacessíveis ou parcialmente acessíveis ao tratamento analítico. A análise de crianças, tanto normais quanto neuróticas, pode prevenir a criança de muitas atribuições e experiências dolorosas na vida adulta. Além disso seus resultados terapêuticos são muito mais brilhantes que no adulto. (45, pág. 373).

M. Klein constatou que, nos casos moderadamente graves de crianças entre cinco e treze anos de idade, é necessário um período de tratamento de dezoito a trinta e seis meses úteis, com resultados profundos e permanentes. Em muitos casos basta um período mais curto, não mais que oito a dez meses úteis, para obter resultados satisfatórios. (45, pág. 373).

3.2 - Trabalhos de 1934 a 1963

3.2.1 - Contribuições à Psicanálise - (Trabalhos de 1934 a 1945)

Em "Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados Maníaco-Depressivos" (1934), Melanie Klein assinala que a evolução da criança pequena é governada pelos mecanismos de introjeção e projeção; desde o começo o ego introjeta objetos bons e maus, sendo o seio materno o protótipo de ambos; isto se deve a que o bebê projeta sua própria agressão nestes objetos maus e não somente porque frustram seus desejos; a criança os concebe como perseguidores e suas imagos são instaladas dentro do ego, pela incorporação. Isso explica porque crianças muito pequenas passam por situações de ansiedade (e reagem com mecanismos de defesa) cujo conteúdo é comparável ao da psicose do adulto (46, pág. 282).

Estudando os estados paranoides, os estados depressivos e a mania e se aprofundando nos seus mecanismos de defesa, observou dois tipos fundamentais de ansiedade e postulou duas posições fundamentais, que ocorrem no desenvolvimento da criança assim como na vida adulta, normal ou patológica. Conceituou posição como um agrupamento específico de ansiedade, sentimentos, relações objetais e mecanismos de defesa. A ansiedade paranoide ou persecutória é o medo por parte do ego dos perseguidores internos e externos; está relacionada com a preservação do ego. A ansiedade depressiva é o medo da perda do objeto amado; está relacionada com a preservação dos objetos bons interiorizados, com os quais o ego se identifica como um todo (preservação contra os ataques do id e dos objetos maus). M. Klein também se

referiu, no mesmo trabalho, a ansiedade hipocondríaca, presente tanto na posição paranoide como na depressiva, cujo estudo foi desenvolvido posteriormente por seu seguidor Herbert Rosenfeld, observando os estados confusionais e a hipocondria crônica (hipocondríase). (46, págs. 283 a 285 e 296).

Na posição paranoide, que predomina nos 2 a 3 primeiros meses de vida, a ansiedade é paranoide, as relações objetais são predominantemente parciais (porções do mundo real, basicamente o seio materno, perseguidoras e boas, percebidas confusamente), o ego está pouco organizado e tem pequena capacidade de identificação e os mecanismos de defesa mais característicos são a cisão (divisão das imagos entre boas e más), negação, projeção e introjeção. M. Klein assinala a importância dos fatores externos, pois a boa relação com a mãe e o mundo externo ajudam a criança a sobrepujar suas primeiras ansiedades paranoides e instalar dentro de si o objeto amado. Chama também a atenção da diferença entre as ansiedades infantis (dão-se rápidas mudanças de uma ansiedade paranoide ou depressiva para uma atitude normal, na criança) e as psicoses do adulto. (46, págs. 289 a 292, 296 e 306).

Na posição depressiva, que se inicia depois da posição paranoide, a ansiedade é depressiva, as relações objetais são totais (são percebidos a pessoa total da mãe e outros objetos, ligados entre si; a criança se dá conta que o objeto atacado, basicamente a mãe, é o mesmo amado), o ego está mais organizado e se identifica com os objetos como um todo e os mecanismos de defesa mais característicos são cisão (entre os objetos bons e os maus), introjeção, reparação ou restauração e sublimação: Melanie Klein relaciona com a posição depressiva o sentimento de culpa, assim como o amor e a gratidão, e diz que a posição

depressiva é o ponto central do desenvolvimento da criança, a evolução normal baseando-se principalmente no grau em que o ego elabora e supera essa posição decisiva. (46, págs. 289 a 292 e 310).

A identificação com os objetos bons, o interiorizado e o real, é fundamental para o desenvolvimento normal (elaboração da posição depressiva) e o fracasso para manter a mesma pode provocar distúrbios psicóticos, tais como estados depressivos, mania ou paranoia. (46, pág. 309).

Melanie Klein estuda ainda nesse importante trabalho a posição maníaca, que em trabalhos posteriores passará a denominar apenas defesa maníaca, na qual o ego procura refúgio não somente da depressão, mas também de uma situação paranoide que não pode dominar. Seus mecanismos mais importantes são o sentimento de onipotência (com o propósito de controlar e dominar os objetos introjetados, particularmente a mãe durante o desmame e os pais em coito perigoso), a negação e a hiperatividade, (46, págs. 297, 298 e 299).

3.2.2 - Amor culpa e reparação (1937)

Em "Amor, Culpa e Reparação" (1937), Melanie Klein diz que o bebê, logo no começo, ama a mãe, que para ele é um objeto que satisfaz seus desejos, um seio bom, nos momentos de satisfação, prazer e segurança, mas surgem sentimentos de ódio e agressividade nas horas de fome, dor ou desconforto; uma sensação de segurança torna-se componente importante da satisfação, sempre que a pessoa recebe amor, seja bebê ou adulto. Os impulsos e sentimentos do bebê são acompanhados por um tipo de

atividade mental que reputa o mais primitivo de todos - a criação de fantasias, ou mais coloquialmente, a imaginação (forma remota). O conflito entre amor e ódio e o receio de perder o ser amado geram o sentimento de culpa e o desejo de reparação. (47, págs. 59 e 63).

A capacidade de identificação com outra pessoa é um elemento dos mais importantes nas relações humanas em geral e também uma condição para sentimentos de amor verdadeiros e sólidos. Ser genuinamente atencioso implica colocarmo-nos no lugar das outras pessoas - "identificarmo-nos" com elas. A capacidade de identificação está ligada à culpa e à reparação e se refere tanto aos objetos externos quanto aos internos. M. Klein afirma que a capacidade de inverter situações na imaginação e de identificar-se com os outros é uma grande característica do espírito humano. (47, págs. 63, 89 e 101).

3.2.3 - Trabalhos posteriores (1946 a 1963)

Em "Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizoides" (1946), Melanie Klein retoma as duas posições fundamentais, reformulando e ampliando a posição paranoide, que equiparou à posição esquizoide de Fairbairn, passando a denominá-la posição esquizoparanoide. (48, págs. 313 a 315)

Estudando o ego inicial, diz que é pouco coeso, alternando as tendências para a integração e a desintegração (fragmentação em múltiplas parcelas). Algumas das funções do ego já existem desde o começo, principalmente o controle da ansiedade. A ansiedade nasce da atividade do instinto de morte dentro do organismo (sentida como medo de aniquilamento, ligado imediata

mente a um objeto perseguidor), bem como do trauma do nascimento e da frustração das necessidades corporais e afetivas. A necessidade vital de enfrentar e dominar a ansiedade obriga o ego a desenvolver mecanismos de defesa fundamentais, como a cição, a projeção, a introjeção, a idealização, a gratificação alucinatória, a negação e a onipotência. (48, págs. 317 e 318).

Descrevendo ataques fantasiados à mãe, derivados de impulsos anais e uretrais, em que, juntamente com excrementos expelidos com ódio, são projetadas na mãe partes destacadas do ego, de modo que a mãe é sentida como o eu (e não como pessoa separada), Melanie Klein introduziu um novo conceito, o de identificação projetiva. (48, pág. 322).

A identificação projetiva é a identificação de um objeto com as partes destacadas do eu e projetadas no objeto. Tais partes do eu podem ser odiadas (agressivas), que são projetadas no objeto para danificá-lo ou controlá-lo, ou partes boas (amorosas), para estabelecer boas relações objetais, o que é essencial para o desenvolvimento normal e a integração do ego infantil; se, entretanto, a identificação projetiva (de partes boas) for excessiva, resulta num enfraquecimento e empobrecimento do ego, que fica excessivamente dependente dos objetos externos. (48, págs. 322 e 323).

Em "Sobre a Teoria de Ansiedade e Culpa" (1948), salienta M. Klein que a ansiedade depressiva, a culpa e o desejo de reparar são intimamente ligados e com freqüência são sentimentos simultâneos; já desempenham um certo papel desde as primeiras relações objetais, embora predominem, na posição esquizoparanoide, os impulsos destrutivos e a ansiedade persecutória de acordo com novas observações da autora; já há estados tran-

sitórios de integração (expressão do instinto de vida) do ego e do seio bom e o seio mau nos primeiros meses, resultando ansiedade depressiva, culpa e desejo de reparar o objeto parcial (seio) danificado e amado. A culpa, pois, manifesta-se durante os primeiros meses de vida, em conexão com os estágios iniciais do superego. (49, págs. 302, 303 e 307).

A base da ansiedade depressiva é a síntese entre os impulsos destrutivos e o amor para com o objeto. A essência da Culpa é constituída pelo sentimento de que os danos infligidos ao objeto amado (interno e externo) são causados pelos impulsos agressivos do sujeito. O sentimento de culpa produz o impulso de reparação. (49, págs. 305 e 307).

Os impulsos destrutivos (instinto de morte) são o fator primordial na causalidade da ansiedade. A interação (fusão e polaridade) da agressão e da libido é que causa a ansiedade e a culpa, atuando sobre o objeto da libido (e não o impulso agressivo isolado). A libido mitiga a agressão e neutraliza a ansiedade, quando há um nível ótimo de interação. (49, pág. 312).

Em "Algumas Conclusões Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê" (1952), Melanie Klein faz uma sistematização completa do desenvolvimento psíquico, desde o nascimento até o início do período de latência, incluindo a posição esquizoparanoide (0 a 3-4 meses), a defesa maníaca, a posição depressiva (4 a 12 meses) e a neurose infantil (1 a 5-6 anos).

Além do que já havia descrito nos trabalhos anteriores, inclui na posição esquizoparanoide: a fase de sadismo máximo, o sentimento de avidez (ou voracidade), os mecanismos de cisão, projeção e introjeção como processos endopsíquicos primordiais, a identificação projetiva e a introjetiva como processos com-

plementares, mecanismos de defesa característicos (gratificação alucinatória, idealização, negação), o início da formação do superego (pela introjeção do seio bom e do mau) e a crescente capacidade de integração do ego (pela introjeção do seio bom). (50, págs. 217 a 225).

Considera M. Klein que as identificações projetiva e introjetiva, assim como a projeção e a introjeção, interatuam desde o princípio da vida, havendo sucessivas reprojeções e reintrojeções. (50, págs. 225 a 227).

Na defesa maníaca, são descritos como mecanismos fundamentais a negação, a idealização, a divisão e o controle onipotente dos objetos (internos e externos), bem como a reparação maníaca (onipotente). Tais mecanismos já existiam na posição esquizoparanoide, mas agora estão modificados na finalidade (neutralizar a ansiedade depressiva) e na forma (menos extremados e correspondendo melhor à crescente capacidade do ego para enfrentar a realidade psíquica, acompanhando o progresso na integração e síntese). (50, págs. 231 e 232).

Da posição depressiva fazem parte os estágios iniciais do complexo de Édipo (direto e invertido), sentimentos fundamentais (voracidade, inveja, ciúme e rivalidade alternando com amor, gratidão, culpa e reparação), grandes transformações do ego (robustez, percepção da realidade, adaptação, aumento dos impulsos genitais, atividade de fantasia e formação de símbolos) e mecanismos característicos (introjeção do objeto completo, reparação, sublimação). (50, págs. 236 a 240).

As posições esquizoparanoide e depressiva ocorrem e se repetem durante os primeiros anos da infância e, em certas circunstâncias, na vida ulterior. (50, pág. 255).

A neurose infantil pode ser considerada uma combinação de processos pelos quais as ansiedades de natureza psicótica são vinculadas, resolvidas e modificadas. Os mecanismos fóbicos primários começam no primeiro ano e se repetem, mudando de forma e conteúdo, nos anos seguintes. Durante o segundo ano as tendências obsessivas passam ao primeiro plano; são uma defesa muito importante para o desenvolvimento, se não forem excessivos. Em seguida vem o estágio em que a libido genital ganha força, o que possibilita à repressão assumir um papel predominante entre as defesas. A crescente integração do ego e a assimilação do superego, cujo desenvolvimento chega ao clímax, contribuem para o declínio do complexo de Édipo, no limiar do período de latência. (50, págs. 241 a 249).

No trabalho "Sobre a Identificação" (1955), Melanie Klein recapitula os conceitos de identificação projetiva e introjetiva e suas relações com a projeção e a introjeção, no contexto do desenvolvimento inicial, mostrando que são fundamentais e complementares. (51, págs. 7 a 11).

Acrescenta, em seguida, que um objeto bom solidamente estabelecido, implicando o amor solidamente estabelecido ao mesmo, dá ao ego um sentimento de riqueza e abundância que permite um extravasamento de libido e a projeção de partes boas do eu no mundo externo sem que surja uma sensação de depleção ou esvaziamento. O ego poderá reintrojetar o amor que doou, ou tomar as boas coisas de outras fontes, sendo assim enriquecido pelo processo global; verifica-se, em tais casos, um equilíbrio entre dar e receber, entre projetar e introjetar. (51, pág. 11).

Inversamente, o seio introjetado com repulsa ou ódio é

sentido como destrutivo e se converte no protótipo de todos os maus objetos internos, impelindo o ego a novas fragmentações. (51, pág. 12).

A seguir, para exemplificar os dois tipos de identificação, sobretudo a projetiva patológica, mobilizada pela frustração, cobiça, inveja e ciúme, faz um estudo da personagem Fabian Especel, do romance "If I Were You", de Julian Green. (51, págs. 24, 30, 33, 34 e 47).

Em "Inveja e Gratidão" (1957), Melanie Klein considera a inveja uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos, dotada de base constitucional, em funcionamento desde o início da vida, que solapa os sentimentos de amor e gratidão, dificultando a criança em formar seu objeto bom. Define a inveja como o sentimento irado pelo fato de outra pessoa possuir e desfrutar algo desejável, sendo que o impulso invejoso é para tirá-lo do outro ou inutilizá-lo, e a diferenciação do ciúme e da voracidade. A inveja está mais ligada à projeção destrutiva, enquanto a voracidade à introjeção destrutiva. A pessoa muito invejosa é insaciável, nunca podendo ficar satisfeita, pois sua inveja provém de dentro dela e sempre encontra um objeto em que se focalizar. (52, págs. 107, 114 a 116).

O primeiro objeto a ser invejado é o seio nutridor. A inveja, a voracidade, o ciúme e a angústia persecutória são interligadas e reforçam uma à outra. (52, págs. 116, 117 e 122).

É o prazer que forma a base da gratidão, que gera o desejo de retribuir prazer ao seio gratificador. A gratidão também é ligada à confiança nas figuras boas; a gratidão é intimamente associada à generosidade (a riqueza interior provém de ter-se assimilado o objeto bom). A inveja intensa com relação ao

seio nutridor interfere na capacidade para o prazer completo e por isso enfraquece a formação da gratidão, A idealização, que divide o seio em idealizado e perseguidor (e não em bom e mau) é uma defesa contra a inveja, os impulsos destrutivos e a ansiedade persecutória. Uma das conseqüências da inveja excessiva é a culpa prematura, sentida por um ego ainda não capaz de suportá-la e vivenciada como perseguição. Uma das origens mais profundas de culpa, sempre ligada à inveja do seio nutridor, é a sensação de tê-lo inutilizado com ataques invejosos (52, págs. 124, 125, 126, 130, 134 e 135).

Quanto ao aspecto identificação, diz Melanie Klein que quanto o objeto bom está bem estabelecido e a cisão é normal, resulta uma identificação estável com o objeto bom e total, o que dará robustez ao ego, permitindo-lhe conservar a identidade e a sensação de possuir bondade própria. Na idealização, ao contrário, há uma cisão acentuada (objeto idealizado e perseguidor) e inveja intensa, que enfraquecem o ego e propiciam a identificação indiscriminada, com inúmeros objetos, ou a identificação projetiva excessiva, que produz uma confusão bizarra entre o self e o objeto, o qual passa a representar também o eu. A voracidade também é um fator importante na identificação indiscriminada, pois a necessidade de tirar o máximo de tudo interfere na capacidade de selecionar e discriminar (52, págs. 131 e 132).

Em "Nosso Mundo Adulto e Suas Raízes na Infância" (1959), um de seus últimos trabalhos, M. Klein volta a abordar a identificação. Diz que a identificação com o objeto bom, que a criança de tenra idade revela ao copiar atividades e atitudes da mãe nos seus brinquedos e comportamentos com outras crianças,

torna mais fácil para a criança identificar-se também com um pai bom e posteriormente com outras figuras amigas. Quando alguém projeta a si ou parte de seus impulsos e sentimentos sobre outra pessoa, realiza uma identificação projetiva, que pode ser hostil ou amistosa. Se um objeto é aceito dentro do eu, a ênfase está na aquisição de algumas das características desse objeto e no ser influenciado por elas (identificação introjetiva). (53, págs. 7 e 8).

A introjeção excessiva põe em perigo a força do ego, porque ele fica inteiramente dominado pelo objeto introjetado. Se a projeção for excessiva, há incapacidade de discernimento objetivo. Se a projeção for predominantemente hostil, a verdadeira empatia e compreensão dos outros é prejudicada. (53, pág.8).

Se a interação entre a introjeção e a projeção não for dominada pela hostilidade ou superdependência e for bem equilibrada, o mundo interno se enriquecerá e melhoram as relações com o mundo externo. Nessas condições, a identificação projetiva permite compreendermos os sentimentos, necessidades e satisfações dos outros, bem como desfrutar vicariantemente dos prazeres alheios e admirar o caráter ou as realizações alheias. (53, págs. 8 e 17).

Por outro lado, a identificação projetiva dos pais influencia a formação do caráter dos filhos, assim como a de umas pessoas influencia outras. Essas influências podem ser benéficas ou patogênicas, tendo muita importância na vida familiar e social. (53, págs. 18 a 21.).

4 - CONCLUSÕES

O conceito de identificação é fundamental na obra de Melanie Klein, sendo empregado com freqüência em quase todos os seus trabalhos, quer teóricos quer técnicos, desde os iniciais até os últimos.

M. Klein mostra o processo identificatório em situações as mais variadas dos seus diversos pacientes, inclusive crianças pequenas, compreendendo desde casos de análise profilática até casos de graves distúrbios caracterológicos ou de psicose.

Tendo criado e desenvolvido a técnica analítica do jogo, pôde analisar crianças pequenas, de até dois anos e nove meses; foi possível aprofundar o conhecimento da vida psíquica nos seus primórdios, bem como o desenvolvimento inicial da personalidade, tanto normal como patológica.

A identificação aparece principalmente em conexão com a formação do superego, o conflito edípico e as situações iniciais de ansiedade, bem como o desenvolvimento do ego e as relações objetais em geral (entre filhos e pais, entre crianças, entre adultos e crianças, com objetos amados e odiados, próximos ou afastados, agressores ou agredidos, admirados ou desprezados, do mesmo sexo e do sexo oposto).

São estudados processos identificatórios que ocorrem na sublimação, no talento e quando se assiste a espetáculos, assim como em diversos quadros patológicos (neuroses, desvios sexuais, traços psicóticos, esquizofrenia e outros).

M. Klein postula a existência de relações objetais desde o início da vida, o seio materno como primeiro objeto dessas relações e da identificação e o início da formação do superego e do complexo edípico nos primeiros seis meses de vida.

A identificação é progressivamente ligada aos processos de introjeção e projeção, bem como de dissociação.

Estudando o desenvolvimento do superego, M. Klein mostra que na criança pequena ele é muito severo e formado por identificações dissociadas, irreais, em extremamente boas e extremamente más, em consequência do incremento dos impulsos sádicos e das situações de ansiedade. Com a predominância ulterior dos impulsos genitais e o desenvolvimento do ego, as identificações vão se tornando sintéticas e mais próximas dos pais reais.

Em 1934, em "Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados Maníacos-Depressivos", M. Klein afirma que os mecanismos de introjeção e projeção governam a evolução da criança pequena e que desde o início o ego introjeta objetos bons e maus, sendo o seio materno o protótipo de ambos. Postula também a existência das posições fundamentais, paranoide e depressiva, cada uma tendo uma ansiedade, relações objetais, sentimentos e defesas característicos. Na posição paranoide há pequena capacidade de identificação, enquanto na posição depressiva o ego pode identificar-se com objetos totais, sendo fundamental para o desenvolvimento normal a identificação com o objeto bom.

A posição depressiva é considerada o ponto central do desenvolvimento da criança.

M. Klein considera que a capacidade de identificação com outra pessoa é um dos elementos mais importantes nas relações humanas em geral, sendo indispensável à atenção e ao amor genuínos. Afirma que a capacidade de inverter situações na imaginação e de identificar-se com os outros é uma das grandes características do espírito humano.

Em 1946, M. Klein introduz o conceito de identificação projetiva, que define como a identificação de um objeto com as partes destacadas do eu e projetadas no objeto. Essas partes do eu podem ser odiadas (agressivas), projetadas no objeto com a finalidade de danificá-lo ou controlá-lo, ou partes-boas (amorosas), projetadas para estabelecer boas relações objetais.

Por fim, em 1948, M. Klein faz uma notável contribuição à metapsicologia freudiana, realizando uma sistematização completa do desenvolvimento psíquico, desde o nascimento até o início da latência, compreendendo a posição esquizoparanoide (do nascimento até 3-4 meses), a defesa maníaca, a posição depressiva (de 4 meses até 1 ano) e a neurose infantil (1 a 5-6 anos).

Nessas hipóteses kleinianas, a identificação introjetiva e a identificação projetiva são fundamentais e complementares uma da outra, interagindo junto, respectivamente, com a introjeção e a projeção, desde o início da vida. Há sucessivas reprojeções e reintrojeções, de modo que esses processos primários modificam as relações do ego com os objetos. A cisão

também é considerada um mecanismo endopsíquico fundamental ou primário. Para haver um desenvolvimento favorável é preciso que o ego estabeleça firmemente seu objeto bom (o seio bom) , ficando estritamente identificado com ele.

O objeto bom internalizado forma o núcleo do ego, ao re dor do qual o ego se expande e desenvolve, enquanto o seio in trojetado com repulsa ou ódio é sentido como destrutivo e se torna o protótipo dos objetos maus internos, impelindo o ego a fragmentar-se.

Quanto à patologia da identificação, M. Klein considera a identificação indiscriminada com inúmeros objetos (ligada a inveja, à idealização e à voracidade) e a identificação pro- jetiva excessiva (que produz uma confusão bizarra entre o self e o objeto) ou predominantemente hostil (que prejudica a empatia e a compreensão dos outros).

Vemos, então, que o conceito de identificação em M. Klein se mantém consistente, bem sistematizado e relacionado precisamente com os demais conceitos e hipóteses de sua contribui ção teórica. Além disso, foi enriquecido e possibilitou novos desenvolvimentos, tais como os de Bion, Rosenfeld, Meltzer e Grinberg.

O seu conhecimento tem importância para a Psicologia do Desenvolvimento, a Psicopatologia, a Higiene Mental, a Psico-terapia, a Educação e as Relações Humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - FARIA, E. et al Dicionário Escolar Latino-Português. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1962.
- 2 - LALANDE, A. Vocabulário Técnico Y Crítico de La Filosofía. Buenos Aires, El Ateneo, 1953.
- 3 - LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. Santos, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.1970.
- 4 - RYCROFT, C. Dicionário Crítico de Psicanálise. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1975.
- 5 - FERENCZI, S. Sexo y Psicoanálisis. Buenos Aires, Ediciones Hormé, 1959.
- 6 - GRINBERG, L. Teoría de la Identificación. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1976.
- 7 - LARA, O. et al La Identificación en Freud. Buenos Aires, Ediciones Kargieman, 1976.
- 8 - KORMAN, V. Teoría de la Identificación y Psicosis. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1977.

- 9 - FREUD, S. "Manuscrito H" (1895), In ——. Los Origenes del Psicoanálisis. Buenos Aires, Santiago Rueda Editor , 1956.
- 10 - ——. "Carta nº 53" (1896), In ——. Los Origenes del Psicoanálisis. Buenos Aires, Santiago Rueda Editor, 1956.
- 11 - ——. "Manuscritos L e M" (1897), In ——. Los Origenes del Psicoanálisis. Buenos Aires, Santiago Rueda Editor, 1956.
- 12 - ——. "Interpretación de los Sueños" (1900), In ——. Obras Completas, Vol. I, Madrid, Editorial, Biblioteca Nueva, 1948.
- 13 - ——. "Totem y Tabu" (1913), In ——. Obras Completas , Vol. II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1948.
- 14 - ——. "La Aflicción y la Melancolía" (1917), In ——. Obras Completas, Vol. I, Madrid, Editorial, Biblioteca Nueva, 1948.
- 15 - ——. "Psicología de las Masas" (1921), In ——. Obras Completas, Vol. I, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1948.
- 16 - ——. "El Yo y el Ello" (1923), In ——. Obras Completas, Vol. I, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1948.

- 17 - FREUD, S. "El Final del Complejo de Edipo" (1924), In
———. Obras Completas, Vol. II, Madrid, Editorial
Biblioteca Nueva, 1948.
- 18 - ———. "Nuevas Aportaciones al Psicoanálisis" (1932),
In ———. Obras Completas, Vol. II, Madrid, Editori
al Biblioteca Nueva, 1948.
- 19 - ———. Moisés y el Monoteísmo (1939), Buenos Aires, San
tiago Rueda Editor, 1955.
- 20 - GEETS, C. Melanie Klein. São Paulo, Edições Melhora-
mentos e Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- 21 - BION, W.R. et al "Melanie Klein", The International
Journal of Psycho-Analysis, 1961, Vol. XLII, Parts
1-2, págs. 4-8.
- 22 - HOFFER, W. "Melanie Klein", The International Journal
of Psycho-Analysis, 1961, Vol. XLII, Parts 1-2, págs
1-3.
- 23 - ZETZEL, E.R. "Melanie Klein, 1882-1960", Psychoana-
lytic Quarterly, 1961, Vol. 30, págs. 420 a 425.
- 24 - SOUZA, D.S. "Prefácio da Edição Brasileira", in KLEIN,
M. et al Novas Tendências na Psicanálise. Rio de Ja
neiro, Zahar, 1969.

- 25 - KLEIN, M. "The Development of a Child" (1921), In ———. Contributions to Psycho-Analysis 1921-1945. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1950.
- 26 - ———. "Infant Analysis" (1923), In ———. Contributions to Psycho-Analysis 1921-1945. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1950.
- 27 - ———. "A Contribution to the Psychogenesis of Tics" (1925). In ———. Contributions to Psycho-Analysis 1921-1945. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1950.
- 28 - ———. "Symposium on Child Analysis" (1927), In ———. Contributions to Psycho-Analysis 1921-1945. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1950.
- 29 - ———. "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928), In ———. Contributions to Psycho-Analysis 1921-1945. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1950.
- 30 - ———. "Personification in the Play of Children" (1929), In ———. Contributions to Psycho-Analysis 1921-1945. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1950.
- 31 - ———. "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego" (1930), In ———. Contributions to Psycho-Analysis 1921-1945. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1950.
- 32 - ———. "The Early Development of Conscience in the Child" (1933), In ———. Contributions to Psycho-Analysis 1921-1945. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1950.

- 33 - KLEIN. M. "The Psychological Foundation of Child Analysis" (1932), In ——. The Psycho-Analysis of Children. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- 34 - ——. "The Technique of Early Analysis" (1932), In ——. The Psycho-Analysis of Children. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- 35 - ——. "An Obsessional Neurosis in a Six-Year-Old Girl" (1932), In ——. The Psycho-Analysis of Children. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- 36 - ——. "The Technique of Analysis in the Latency Period" (1932), In ——. The Psycho-Analysis of Children. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- 37 - ——. "The Technique of Analysis in Puberty" (1932), In ——. The Psycho-Analysis of Children. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- 38 - ——. "Neurosis in Children" (1932), In ——. The Psycho-Analysis of Children. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- 39 - ——. "The Sexual Activities of Children" (1932), In ——. The Psycho-Analysis of Children. London. The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- 40 - ——. "Early Stages of the Oedipus Conflict and of Super-Ego Formation" (1932), In ——. The Psycho-Analysis of Children. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.

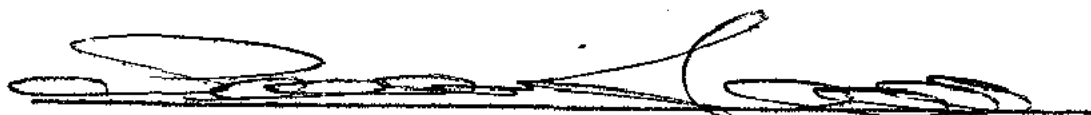
- 41 - KLEIN, M. "The Relations between Obsessional Neurosis and the Early Stages of the Super-Ego" (1932), In ——. The Psycho-Analysis of Children. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- 42 - ——. "The Significance of Early Anxiety-Situations in the Development of the Ego" (1932), The Psycho-Analysis of Children. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- 43 - ——. "The Effects of Early Anxiety-Situations on the Sexual Development of the Girl" (1932), In ——. The Psycho-Analysis of Children. London. The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- 44 - ——. "The Effects of Early Anxiety-Situations on Sexual Development of the Boy" (1932), In ——. The Psycho-Analysis of Children. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- 45 - ——. "The Scope and Limits of Child Analysis" (1932) In ——. The Psycho-Analysis of Children. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- 46 - ——. "A Contribution to the Psychogenesis of Manic-Depressive States" (1934), In ——. Contribution to Psycho-Analysis 1921-1945. London, The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1950.
- 47 - ——. "Amor, Culpa e Reparación" (1937), In ——. & Riviere, J. Las Emociones Basicas del Hombre, Buenos Aires, Editorial Nova, 1960.
- 48 - ——. "Notas sobre alguns Mecanismos Esquizoides" (1946) In ——. et al, Os Progressos da Psicanálise. Rio Janeiro, Zahar, 1969.

- 49 - KLEIN. M. "Sobre a Teoria de Ansiedade e Culpa" (1948),
In ——. et al, Os Progressos da Psicanálise. Rio de
Janeiro, Zahar, 1969.
- 50 - ——. "Algumas Conclusões Teóricas sobre a Vida Emocio-
nal do Bebê", (1952), In ——. et. al, Os Progressos
da Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- 51 - ——. "On Identification" (1955), In ——. Our Adult
World and Other Essays, London, William Heinemann Medi-
cal Books Limited. 1963.
- 52 - ——. "Envidia y Gratitud" (1957), In ——. & Riviere J.
Las Emociones Basicas del Hombre, Buenos Aires, Edito
rial Nova, 1960.
- 53 - ——. "Our Adult World and it Roots in Infancy" (1959) In
——. Our Adult World and Other Essays, London, William
Heinemann Medical Books Limited, 1963.

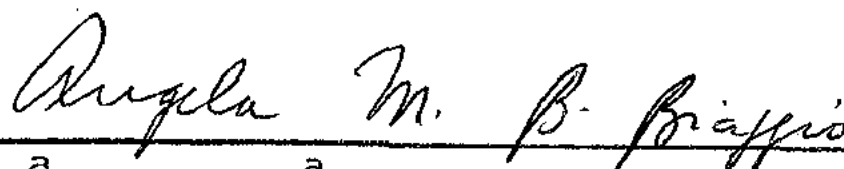
LEITURAS ADICIONAIS

- 1 - BIAGGIO, A.M.B. "Identificação: Principais Hipóteses", Arquivos Brasileiros de Psicotécnica. 1968, nº 3, págs. 9 a 23.
- 2 - ——. Psicologia do Desenvolvimento. Rio de Janeiro, Vozes, 1975.
- 3 - DANTAS, D.de Q.C. Identificação e Identidade numa Perspectiva Psicanalítica. Tese de Mestrado em Psicologia, PUC/RJ, 1974.
- 4 - FERNANDES, C.A.de F. A Identificação na Formação da Personalidade. Tese de Mestrado em Psicologia, PUC/RJ, 1972
- 5 - GRACIANO, M. O Conceito de Identificação na Teoria da Aprendizagem Social. Tese de Mestrado em Psicologia, PUC/RJ, 1971.
- 6 - HOIRISCH, A. A Crise de Identidade. Tese de Livre Docência em Psiquiatria, UFRJ, 1970.
- 7 - MACHADO, A.M.A. Processo de Orientação Vocacional e Crise de Identidade da Adolescência. Tese de Mestrado em Psicologia, PUC/RJ, 1973.
- 8 - RIBEIRO, M.da G.C. A Crise de Identidade na Adolescência - Importância do Contexto Ambiental. Tese de Mestrado em Psicologia, PUC/RJ, 1972.
- 9 - SEGAL, H. Introdução à Obra de Melanie Klein. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966.
- 10 - BARANGER, W. Posicion y Objeto en la Obra de Melanie Klein. Buenos Aires, Ediciones Kargieman, 1971.

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fa-
zendo parte da banca examinadora os seguintes professores:

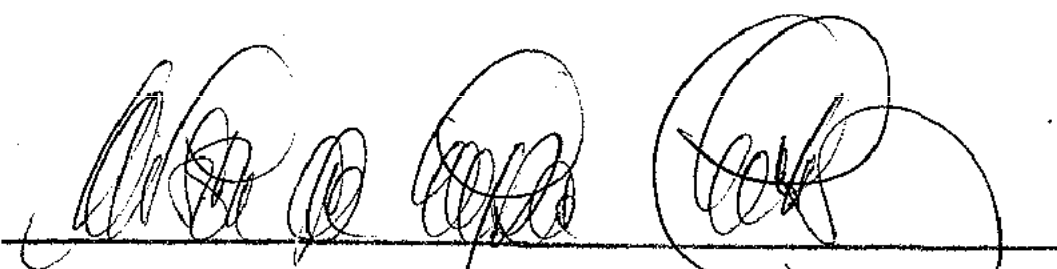


PROF. PEDRO AMÉRICO CORRÊA NETTO
DEPTO. DE PSICOLOGIA



PROF.^a ANGELA M.^a BRASIL BIAGGIO

DEPTO. DE PSICOLOGIA



PROF. WILSON DE LYRA CHEBABI
CENTRO DE ESTUDOS DE ANTRO-
POLOGIA CLÍNICA

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, Outubro/1978



Coordenador dos Programas de Pós-Gra-
duação do Centro de Teologia e Ciên-
cias Humanas.